**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**
**Escola de Ciências da Informação**
**Curso de Biblioteconomia**

Richardson Santos de Freitas

# **DO GIBI À GIBITECA:** origem e gênese de significados historicamente situados

Belo Horizonte
2023

Richardson Santos de Freitas

**DO GIBI À GIBITECA:** origem e gênese de significados historicamente situados

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para o grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Lorena Tavares de Paula.

Belo Horizonte
2023

Atribuí-se a este trabalho a licença Creative Commons CC BY-NC.

F866g Freitas, Richardson Santos de.

Do gibi à gibiteca [recurso eletrônico] : origem e gênese de significados historicamente situados / Richardson Santos de Freitas. -2023.
1 recurso online (52f.: il.) : pdf.

Orientadora: Lorena Tavares de Paula.
Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
Referências: f. 46-50.
Anexos: f. 51-52.
Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Histórias em Quadrinhos. 2. Histórias em quadrinhos - Brasil. 3. Histórias em quadrinhos - História. 4. Gibiteca. I. Paula, Lorena Tavares de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU: 741.5(81)

Ficha catalográfica: Elaine Diamantino Oliveira - CRB: MG/2742
Biblioteca Profª. Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIENCIA DA INFORMAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

**ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA / TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**

Aos 14 dias do mês de novembro de 2023, às 9h30min, o/a estudante Richardson Santos de Freitas , matrícula 2020005896 , defendeu o Trabalho intitulado " DO GIBI À GIBITECA: origem e gênese de significados historicamente situados " tendo obtido a média (100, com indicação para publicação de artigo científico) .

Participaram da banca examinadora os abaixo indicados, que, por nada mais terem a declarar; assinam eletronicamente a presente ata.

**Nota**: 100 (cem pontos)

**Orientador(a):** Lorena Tavares de Paula

**Nota**: digitar a nota em numeral (escrever a nota por extenso)

**Coorientador(a), se houver:** nome completo do coorientador

**Nota:** 100 (cem pontos)

**Examinador(a):** Waldomiro de Castro Santos Vergueiro

**Nota:** 100 (cem pontos)

**Examinador(a):** Ligia Maria Moreira Dumontr

**Nota:** 100 (cem pontos)

**Examinador(a):** Terezinha de Fátima Carvalho de Souza

---

Documento assinado eletronicamente por **Lorena Tavares de Paula**, **Professora do Magistério Superior**, em 14/11/2023, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---

Documento assinado eletronicamente por **Terezinha de Fatima Carvalho de Souza**, **Coordenador(a)**, em 23/11/2023, às 11:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---

Documento assinado eletronicamente por **Ligia Maria Moreira Dumont**, **Professora do Magistério Superior**, em 23/11/2023, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

---

Documento assinado eletronicamente por **Waldomiro de Castro Santos Vergueiro**, **Usuário Externo**, em 24/11/2023, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2802921** e o código CRC **0B55B28C**.

**Este documento deve ser editado apenas pelo Orientador e deve ser assinado eletronicamente por todos os membros da banca.**

**Referência:** Processo nº 23072.262564/2023-91 SEI nº 2802921

- Olha A Noite! O Globo! … Diario da Noite!... E aquelle garoto lá se ia, correndo pelas movimentadas calçadas, em busca dos nikkeis que lhe pagava o dono da banca, pela sua tarefa de vender as folhas.

[...]

Aquelle sorriso, fosse um natural expressão de alegria, não teria despertado a attenção, mas eu estivera algum tempo notando-lhe as contrações e estava certo: aquelle garoto soffria e soffria muito…

(Alvim, 1940, p. 11)

**RESUMO**

Esta pesquisa faz um estudo sobre a palavra gibi, através do método histórico, investigando as mudanças de seu significado e sua assimilação sociocultural. Considera-se que esse gênero artístico e fonte de informação para desenvolvimento de coleções especiais prescinde de estudos críticos sobre abordagens teóricas, lexicais e historiográficas para melhor compreensão desses materiais para o desenvolvimento de coleções. Nesta investigação, os primeiros registros foram encontrados em jornais de 1888, pesquisados na Hemeroteca Virtual da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil. Constatou-se que inicialmente gibi era um apelido atribuído a pessoas negras. Posteriormente, transformou-se em uma gíria racista direcionada aos meninos negros, possuindo o sentido pejorativo de feio e grotesco, publicados em anúncios e em páginas de quadrinhos de periódicos. Depois a palavra passou a ser usada para designar os meninos negros que vendiam jornais nas ruas. Desses pequenos vendedores surgiu a inspiração para o título da revista Gibi, lançada em 1939 pela editora O Globo. O sucesso de vendas da revista, a ampla publicidade, o investimento em relações públicas e o cenário de críticas aos quadrinhos vindas principalmente de adversários da editora transformaram a palavra gibi em sinônimo de revista de histórias em quadrinhos no Brasil, fazendo o sentido original cair em desuso. A popularização do termo inspirou as bibliotecas brasileiras a adotarem a denominação de gibiteca para seus acervos de quadrinhos.

**PALAVRAS-CHAVE**

Gibi; Menino negro; pequeno jornaleiro; história em quadrinhos; gibiteca

**ABSTRACT**

This research studies the word gibi, using the historical method, investigating the changes in its meaning and its sociocultural assimilation. The purpose of this article is to study the word gibi, through a historical method, about the changes in its meaning and its social and cultural assimilation. It is considered that this artistic genre and source of information for the development of special collections requires critical studies on theoretical, lexical and historiographical approaches for a better understanding of these materials for the establishment of collections. In this research, the first records were found in newspapers from 1888, analyzed in the Virtual Hemeroteca of the Brazilian National Library Foundation. It was found that initially gibi was a nickname given to black people. Later, it became a racist slur directed at black boys, with the pejorative meaning of ugly and grotesque, published in advertisements and on comic pages of periodicals. Later the word was used to refer to the black boys who sold newspapers in the streets. From these little vendors came the inspiration for the title of the magazine Gibi, launched in 1939 by the publishing house O Globo. The success in sales of the magazine turned gibi, wide publicity, investment in public relations and the scenario of criticism of comics coming mainly from opponents of the publisher transformed the word gibi into a synonym for comic books in Brazil, and the original meaning fell into disuse. The popularization of the term inspired Brazilian libraries to adopt the name gibiteca for their comic book collections.

**KEYWORDS**

Gibi; black boy; news boy; newsies; comics; comic book library

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vulgo Giby assina termo como vagabundo.
Figura 2 - De preto a mulato.
Figura 3 - A figura estereotipada de Giby, de J. Carlos.
Figura 4 - Gibi, o pretinho da casa.
Figura 5 - Pequeno jornaleiro negro vende O Tico-Tico na rua.
Figura 6 - Pretinhos vendedores de jornaes.
Figura 7 - Menino negro vendedor de jornal ao lado da logo da revista Gibi.
Figura 8 - Gibi com roupa de gala nas capas do Novo Gibi.
Figura 9 - Gibi interagindo nas capas de Gibi Semanal.
Figura 10 - Gibi lendo Gibi.
Figura 11 - Perdão leitores! Isso é uma despedida.
Figura 12 - Gibi vendendo revistas.
Figura 13 - Menores infratores lêem sua bíblia Gibi.

**SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO ……..…… 10

2 OBJETIVOS …….. 13

2.1 Objetivo geral ……. 13

2.2 Objetivos específicos …...…….. 13

3 METODOLOGIA …….. 14

3 ORIGEM E GÊNESE DA PALAVRA GIBI (GIBY) ...…… 16

3.1 Alcunha Giby/Gibi ……..…… 18

3.2 De preto a mulato …… 20

3.3 Feio como um giby …..……..……... 21

3.4 Gibi: o pequeno jornaleiro negro ……... 25

4 A REVISTA GIBI …….. 28

4.1 O gibi do jornal O Globo …… 29

4.2 O gibi repaginado da RGE ……. 31

5 GIBI E OUTRAS PUBLICAÇÕES SEMELHANTES ……..……...… 35

5.1 Relações Públicas ……..….. 35

5.2 Má influência misturada com vingança …….. 36

6 GIBITECA ……..… 42

7 CONCLUSÃO ….……. 44

8 REFERÊNCIAS ……..……..……....… 46

# 1 INTRODUÇÃO

Este estudo começou no primeiro semestre de 2022, durante o trabalho de monitoria para a disciplina de Formação e Desenvolvimento do Acervo do curso de Biblioteconomia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Entre as tarefas da monitoria, a professora Lorena Tavares de Paula propôs uma atividade de iniciação à docência acadêmica. O objetivo era criar uma aula que exemplificaria o tópico da matéria sobre coleções especiais. Essa aula seria ministrada para os alunos do curso e mostraria a história dos quadrinhos, as características da formação de uma coleção especial de histórias em quadrinhos e o surgimento das gibitecas no Brasil.

Ao fazer a revisão bibliográfica sobre a origem das gibitecas foi possível encontrar a informação que aponta que o nome surgiu da junção de "gibi + biblioteca". Gibi era uma gíria antiga que significava menino negro. A informação é confirmada pelo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira, 2010, p. 1030), que acrescenta que essa gíria - tipicamente brasileira - caiu em desuso. Mas, não pode ser tão objetivo o significado de uma palavra que batiza tantas coleções especiais, como "Gibitecas". Onde estão as informações de origem da gíria "Gibi" e porquê ela caiu em desuso? Por essas questões, a presente pesquisa se propôs a preencher parte dessa lacuna. Diante da pergunta: "Quais significações perpassam a definição do conceito de gibi?" pretende-se apresentar os diferentes significados da palavra gibi, desde seus primeiros registros, até suas mudanças de sentido que permitiu que tal léxico fosse base para definição da tipologia de coleção especial de revistas em quadrinhos de bibliotecas.

As histórias em quadrinhos possuem diferentes denominações pelo mundo. Podemos citar, por exemplo, que na Itália elas recebem o nome de *fumetti*. No Japão, *mangá*. Nos EUA são conhecidas como *comics*. Em Portugal, *banda desenhada* e na Argentina, *historietas*.

No Brasil, as revistas em quadrinhos também são conhecidas pelo nome de gibi:

> O Brasil, depois de alguma controvérsia inicial sobre a utilização de "estórias" ou "histórias", parece ter consagrado a expressão "histórias em quadrinhos" (normalmente abreviada para "HQ") como a de maior preferência; no entanto, muitos leitores antigos e grande parte dos novos continuam ainda a utilizar o termo gibi quando se referem às revistas de histórias em quadrinhos de uma maneira geral, reproduzindo uma apropriação lingüística semelhante à ocorrida no território espanhol, pois Gibi foi também uma popular revista de histórias em quadrinhos publicada no país. (Anselmo, 1975; Cirne, 1990; Moya, 1996 *apud* Vergueiros, 2005, p. 4).

Além da definição do dicionário, há pouca informação sobre a origem da palavra gibi. Especialistas dizem que determinar a origem de qualquer gíria é difícil porque se trata de um

fenômeno sociolinguístico de característica oral, por isso a documentação é precária e ocasional. Existe a dificuldade de se determinar quem ou onde se criou a palavra gibi, mas é possível mapear o momento em que a expressão tornou-se popular e passou a ser incorporada aos textos jornalísticos, gerando documentação histórica do seu uso. Para melhor compreensão do desenvolvimento da pesquisa, apresenta-se na seção a seguir o percurso metodológico que orientou a coleta de dados e análise dos resultados, aqui apresentado.

A pesquisa encontrou a primeira menção da palavra Giby em jornais de 1888. Por volta de 1905, o que antes era um apelido passou a ser usado como uma gíria atribuída genericamente aos meninos negros. Foram encontrados personagens, tirinhas em quadrinhos, anúncios de publicidade e textos que trazem dois significados à palavra: negrinho, moleque; e tipo feio, hediondo e grotesco.

As empresas de jornais exploravam a mão de obra infantil para aumentar a venda de suas edições pelas ruas, principalmente em locais mais distantes do centro urbano. Esse comércio era feito por meninos pobres, muitos deles órfãos e abandonados. Muitos desses pequenos trabalhadores mirins eram negros. Foram esses garotos que inspiraram a escolha do nome da segunda revista especializada em quadrinhos do jornal O Globo, lançada em 1939. Além do nome Gibi, o desenho de um pequeno vendedor negro de jornais aparecia na capa ao lado do logotipo da revista.

A revista Gibi foi um sucesso de vendas. Junto com um trabalho de relações públicas e de ações de patrocínio do jornal O Globo, a publicação tornou-se popular em sua época. Porém, pais, educadores, religiosos, jornalistas e políticos passaram a discutir sobre os possíveis males que essas revistas produziam na formação intelectual de crianças e jovens, devido a predominância de temas que evocam mais a vida em países estrangeiros que a do Brasil, estrangeirismos desnecessários nos textos, sensacionalismo pouco conveniente à equilibrada formação estética e moral e a alta porcentagem de cenas de crueldade praticadas por tipos degenerados.

Aproveitando o cenário de crítica, jornais concorrentes do Jornal O Globo lançaram campanhas difamatórias, relacionando quadrinhos à desvio moral e ao incentivo à criminalidade. O foco principal eram as revistas do gênero de aventura fantástica e contos policiais. Para isso, usam expressões como “publicações do tipo Gibi” ou “Gibi e outras publicações semelhantes”. Mesmo com toda essa campanha contra, os grandes empresários do setor conseguiram barrar todas as iniciativas que tinham o objetivo impor um controle de conteúdo ou estabelecer um limite de material estrangeiro em suas publicações.

A soma desses fatores - sucesso de venda; investimentos em patrocínio e ações de relações públicas; e as discussões contra e a favor das hqs - fez com que o sentido original da gíria gibi caísse em desuso ao mesmo tempo em que a marca tornou-se sinônimo de revistas em quadrinhos no Brasil.

A fama de subliteratura fez com que os acervos de quadrinhos demorassem a encontrar espaço nos acervos das bibliotecas. A situação começa a mudar na década de 1970, quando as hqs passam a ser objeto de estudo acadêmico e a serem mais valorizadas.

Quando um grupo de fãs se organizou para criar uma biblioteca especializada em história em quadrinhos em Curitiba em 1982, funda-se a Gibiteca de Curitiba. O lugar tornou-se referência e o nome gibiteca passou a ser usado no Brasil para determinar os acervos dedicados à preservação, organização, leitura, difusão e formação de público leitor de histórias em quadrinhos.

# 2 OBJETIVOS

## 2.1 Objetivo geral

Pesquisar a origem da palavra gibi e a gênese de seus diferentes significados, situando historicamente as mudanças de sentido até o momento de sua assimilação sociocultural como sinônimo de revistas em quadrinhos e referência para a denominação de bibliotecas com acervo especializado em histórias de quadrinhos.

## 2.2 Objetivos específicos

- Historiografar o uso e o significado da gíria gibi, em jornais e revistas disponíveis na Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional, antes de 1939, data do lançamento da revista Gibi;
- Mapear os diferentes significados da palavra gibi encontrados em dicionários antigos disponíveis nos acervos das bibliotecas da UFMG;
- Analisar notícias de jornais e fazer revisão bibliográfica que permitam compreender o contexto histórico que fez com que a gíria caísse em desuso e transformasse gibi em sinônimo de revistas em histórias em quadrinhos;
- Pesquisar o momento em que foi criado o termo gibiteca para caracterizar as coleções especiais de histórias em quadrinhos nos acervos das bibliotecas.

## 3 METODOLOGIA

O estudo sobre a origem e gênese de significados da palavra gibi foi realizado através da análise historiográfica do termo em sua formulação e sua assimilação social no Brasil. Deve-se esclarecer que a historiografia é uma metodologia que procura entender como e por que um conceito e/ou comportamento social foi transformado e interpretado ao longo do tempo. Segundo Odília Fachin, a análise historiográfica pesquisa como a sociedade anterior influencia o contexto atual através do estudo da natureza, das funções e das mudanças sociais:

> O método histórico oferece ainda a possibilidade de análise da organização das sociedades e das instituições, permitindo-nos apreender a dinâmica histórica de sua evolução, sua transformação e seu desaparecimento. Constitui um encadeamento de processos sociais que enseja a investigação dos fenômenos (fatos ou eventos) dentro de uma perspectiva que possibilitará o conhecimento de suas causas e de seus efeitos. (Fachin, 2017, p. 38).

Eva Lakatos nos diz que o método histórico foi promovido pelo antropólogo Franz Boas, propondo que para se compreender a natureza e a função da vida social é necessário partir de sua origem:

> Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações. (Lakatos, 1989, p. 33).

Neste sentido, a pergunta que orienta este estudo é: quais significações perpassam a definição do conceito de gibi e de gibiteca? Para investigar essa questão, a principal fonte de informação foi o acervo de jornais e revistas da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. A técnica de pesquisa utilizada é a documental, usando como fontes primárias "arquivos públicos e particulares, [...]; fontes secundárias: obras e trabalhos elaborados, jornais, revistas e outros" (Lakatos, 1989, p. 39). A pesquisa foi feita em duas etapas, sendo que na primeira etapa pesquisou-se as expressões gibi e giby publicadas até o ano 1939. O propósito foi mapear e documentar o uso do termo antes do surgimento da revista Gibi. Na segunda etapa, as buscas se estenderam para reportagens após 1939, para compreender a repercussão e o contexto que possibilitou que a gíria gibi caísse em desuso e a marca se transformasse em sinônimo de revistas em quadrinhos.

Foram usados os acervos de referências das bibliotecas da Faculdade de Ciência da Informação, da Faculdade de Letras e da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de

Minas Gerais para buscar as edições de dicionários, atuais e antigas, e fazer a extração das mudanças de significados registrados em seus exemplares das edições disponíveis.

Para entender a forma como foi retratado a figura do gibi nas edições das revistas da editora O Globo, houve uma pesquisa nos exemplares disponíveis no acervo da Gibiteca Antonio Roque Gobbo da Biblioteca Infantil e Juvenil da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte e feita a compra de alguns exemplares para melhor estudar as edições.

Realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a história das histórias em quadrinho e pesquisados artigos que continham informações sobre a origem das gibitecas, sua formação e desenvolvimento de acervos especiais.

Uma importante fonte para compreender o cenário a partir de 1939, o jornal O Globo, não está disponível na hemeroteca da Biblioteca Nacional. O repositório da empresa é de acesso restrito e pago. Foi feito um cadastro que permite a consulta gratuita de forma temporária e limitada, mas com tempo suficiente para se conseguir coletar material de relevância para esta pesquisa.

## 3 ORIGEM E GÊNESE DA PALAVRA GIBI (GIBY)

A pesquisa começou pela busca do significado da palavra gibi nos dicionários disponíveis nos acervos das bibliotecas da Faculdade de Ciência da Informação, da Faculdade de Letras e da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais. Ao todo foram encontradas 23 edições (Anexo I), de diferentes editoras, publicadas entre 1940 a 2011.

O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de 2010 é o exemplar com o maior detalhamento do significado da palavra gibi. O termo é definido como um substantivo masculino e um brasileirismo, isto é, próprio do português do Brasil. A palavra é sinônimo de revista em quadrinhos, mas o dicionário também informa que é uma gíria em desuso atribuída a menino negro:

> gibi. **S. m. Bras. 1. Gír. Desus. Meninote preto; negrinho.** 2. Nome registrado de determinada revista em quadrinhos, infatojuvenil. 3. P. ext. Qualquer revista em quadrinhos. 4. Publicação interna [...] (Ferreira, 2010, p. 1030, grifo nosso).

São raros os vestígios do uso de gírias até o fim do século XIX. "[...] com o crescimento das cidades brasileiras, em particular da capital, o Rio de Janeiro, observamos que a gíria começa a fazer parte da linguagem dos grupos sociais [...]" (Preti, 2001, p. 60). Esse uso coincide com o aumento da circulação de jornais que passam a exercer influência social e política nos centros urbanos.

A gíria é um fenômeno sociolinguístico que constituiu um vocábulo tipicamente oral. Ela é um código que pode pertencer a um grupo social restrito ou transformar-se em um fenômeno que extrapola essa comunidade, tornando-se popular. Segundo Preti (2001, p. 68) os especialistas possuem dificuldade em encontrar a evolução e as transformações de sentido referente à língua oral porque a documentação escrita existente é precária e ocasional.

O desconhecimento da origem da gíria gibi é citado em dois dicionários, que usam o termo "origem obscura". No Novíssimo Aulete: Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa define gibi como "[...] 2. Gír. Menino negro; Negrinho [F.: De **or. Obsc**.]" (Aulete, 2011, p. 711, grifo nosso). O Dicionário Houaiss confirma que a palavra informal brasileira tem origem etimológica desconhecida, registrando "gibi s.m. B. Infrm. 1 garoto negro; negrinho. [...] **ETIM orig. obsc**." (Houaiss; Villar, 2007, p. 1449, grifo nosso).

No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa há uma segunda definição, que diz que gibi vem do latim *gibbus* possuindo o significado de giba, ou seja, uma pessoa corcunda ou com o corpo disforme.

> gibi. [Do lat. *gibbus*, *í*.] **El. comp.** = 'giba', 'corcunda'; gibífero, bibifloro. (Ferreira, 2010, p. 1030).

> giba. [Do lat. *gibba*.] **S. f. 1.** V. corcunda (1): "Seu corpo disforme, cheio de gibas de gordura, dava-lhe aspecto de grande besouro castanho e zumbidor, " (Cornélio Pena, A Menina Morta, p. 20) [...] (Ferreira, 2010, p. 1030).

O exemplo do uso da palavra, que aparece na edição do dicionário Aurélio, trata-se de trecho da obra de Cornélio Penna intitulada "A Menina Morta". Ambientada no tempo da escravidão, o livro conta a história da morte da filha de um senhor de pessoas escravizadas e os preparativos para o enterro. Um dos personagens, o senhor Justino, é um homem adulto que possui o cargo de administrador da fazenda. Justino foi encarregado de levar um pedido dos escravizados ao seu senhor. Eles desejariam acompanhar o cortejo fúnebre da menina. Justino é descrito como um negro "cheio de gibas de gordura"[1] por ser tão gordo que aparentava ser disforme.

No Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, organizado por Laudelino Freire, publicado em volumes entre 1940 a 1943, traz a descrição de que gibi é a "Forma inexata de jibí" (Freire, [194?], v. 3, p. 2725). Jibí é "s.m., Gír. 1 Negrinho, moleque. || 2. **Tipo feio, hediondo, grutesco**." (Freire, [194?], v. 4, p. 3073, grifo nosso). Nenhum outro dicionário possui essa alternativa de grafia e não se encontrou nenhum registro de jibí em jornais ou revistas na hemeroteca da Biblioteca Nacional. Ainda na década de 1940, o dicionário Lello define "Gibi, s. m. Pop. Negro, **Typo feio e grotesco**" (Lello, [194?], p. 1157, grifo nosso). A definição do Dicionário Brasileiro Contemporâneo Ilustrado, elaborado por Francisco Fernandes, que traz "gibi. s.m. (bras.) (pop.) Moleque; negrinho; **indivíduo feio, grotesco**" (Fernandes, 1965, p. 558, grifo nosso). Essas definições indicam que o uso da palavra era empregado para definir criança negra e estava vinculada a um segundo sentido pejorativo de pessoa feia, grotesca e hedionda.

Sabendo da dificuldade para se encontrar a origem da gíria gibi, optou-se por mapear o momento em que o seu uso tornou-se popular, incorporado aos textos jornalísticos. O trabalho pesquisou a palavra em jornais e revistas que circulavam no Brasil antes de 1939, data de lançamento da revista Gibi. O objetivo era encontrar a palavra sendo usada no seu sentido mais antigo. Durante esta busca, percebeu-se que gibi poderia assumir a forma variante giby, que foi incorporada nas buscas.

---

[1] PENNA, Cornelio. **A menina morta**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954. p. 29. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/view/?45000022659&bbm/2873#page/30/mode/2up. Acesso em: 7 fev. 2023.

### 3.1 Alcunha Giby/Gibi

A mais antiga menção de gibi encontrada na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional tem a grafia de giby. A palavra está em uma nota na seção de notícias policiais da Gazeta da Tarde da edição que circulou na cidade do Rio de Janeiro em junho de 1888. O ano é marcado pela Lei Áurea, assinado em 13 de maio, no processo gradual do fim da escravidão no país. Sem nenhum tipo de compensação ou integração social, os recém-libertados se viram na situação de continuar trabalhando nas fazendas como assalariados ou seguir para os grandes centros urbanos em busca de alguma ocupação. Porém, esses centros urbanos não foram capazes de absorver o novo contingente de mão de obra, aumentando o número de pessoas desocupadas que vagavam pelas cidades em busca de sobrevivência.

O crime de vadiagem já era usado para o controle social desde a promulgação do Código Criminal do Imperio do Brazil em 16 de dezembro de 1830[2]. O mecanismo ganhou regulamentação através do Código do Processo Criminal de 1832, que em seu artigo 12 detalhou as competências e procedimentos dos Juízes de Paz diante de vadios, mendigos ou qualquer outra pessoas que perturbasse o sossego público:

> § 1º Tomar conhecimento das pessoas, que de novo vierem habitar no seu Districto, sendo desconhecidas, ou suspeitas; e conceder passaporte ás pessoas que lh'o requererem.
> § 2º Obrigar a assignar termo de bem viver aos vadios, mendigos, bebados por habito, prostitutas, que perturbam o socego publico, aos turbulentos, que por palavras, ou acções offendem os bons costumes, a tranquillidade publica, e a paz das familias. (Brasil, 1932).

As pessoas fora do mercado de trabalho eram consideradas perigosas pela elite imperial e, por isso, o termo de bem viver foi o instrumento jurídico criado para vigiar, punir e segregar os indivíduos pobres livres, estigmatizados como vadios ou vagabundos. Eduardo Martins esclarece que:

> No contexto de uma sociedade escravista, em que o controle dos senhores no máximo abrangia escravos agregados, a criminalização da vadiagem se constituiu em poderoso recurso de controle extra-econômico utilizado pelas autoridades para constranger os pobres livres ao trabalho. (Martins, 2003, p. 64-65).

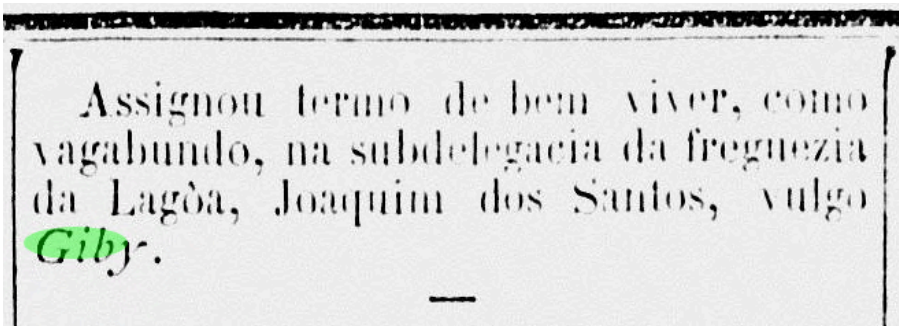
Na seção “Pela Polícia” da Gazeta da Tarde em 4 de julho de 1888 (Figura 1), está noticiado que “Assignou termo de bem viver, como vagabundo, na subdelegacia da freguezia da Lagoa, Joaquim dos Santos, vulgo Giby.” (Pela polícia, 1888, p. 3). A mesma notícia foi

---

[2] BRASIL. Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça. **Lei de 16 de dezembro de 1830**. Código Criminal do Imperio do Brasil. Rio de Janeiro, 7 jan. 1831. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em 30 dez. 2022.

publicada no dia seguinte, nas seções dedicadas as notícias policiais do Diario de Noticias[3] e Jornal do Commercio[4], ambos da cidade do Rio de Janeiro. O Jornal do Commercio acrescentou ao fato a informação de que Joaquim dos Santos recebeu a punição de três meses de prisão e foi encaminhado para a casa de correção.

Figura 1 - Vulgo Giby assina termo como vagabundo.
Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, n. 125, 4 de junho de 1888.


Assignou termo de bem viver, como vagabundo, na subdelegacia da freguezia da Lagôa, Joaquim dos Santos, vulgo Giby.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Em 12 de janeiro de 1890 foi encontrado o segundo registro de pessoa com a alcunha Giby publicado na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, onde é relatado a agressão do "[...] famigerado capoeira Noberto de Oliveira, conhecido pela alcunha de Giby, autor da navalhada [...]" (Mais um, 1890, p. 1). Segundo o texto da gazeta, Giby tinha dado golpes de navalha em um caixeiro da padaria da rua da Lapa. Uma segunda agressão de Giby aconteceu a um indivíduo que passava pela rua, provocando abundante hemorragia. O capoeirista foi detido pelo subdelegado da freguesia da Glória e encaminhado ao chefe de polícia.

Em 6 de junho de 1891, "Arminda Candida de Jesus, vulgo Gibi [...]" (Policia, 1891, p. 5) foi presa por desordem, junto com Deolinda Alberta Ramos, Leovina Silveira da Silva e Maria da Conceição. Nessa nota, a palavra é grafada com a letra *i* é dada a uma mulher. O segundo registro de alcunha dada a uma pessoa do sexo feminino pode ser encontrado na Gazeta de Petropolis. Em 23 de setembro de 1899, a edição do jornal traz a informação sobre o desaparecimento de "[...] uma menor de côr preta de nome Maria, com alcunha de Gibi [...]" (Menor [...], 1899, p. 3). A falta da menina aconteceu no dia 19 de setembro. Foi informado que ela tinha 9 anos, era órfã e estava sob os cuidados de um tutor. Quem achasse a menina seria bem gratificado. A nota informava que, caso fosse encontrado o raptor, ele seria punido com as penas da lei.

---

[3] RETRATO. **Diario de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1088, p. 2, 5 jun. 1888. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 369365 & pesq= giby & pasta=ano% 20188 & hf= memoria.bn.br & pagfis=4416. Acesso em: 18 jul. 2022.

[4] GAZETILHA. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 66, n. 156, p. 2, 5 jun. 1888. Disponível em:https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_07&pesq=giby&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=20429. Acesso em: 18 jul. 2022.

Diferente de Maria, não foram encontradas descrições físicas ou informações sobre a idade de Joaquim dos Santos, Norberto de Oliveira e Arminda Candida de Jesus. Não há registro nos jornais sobre o destino deles após o período de detenção. Também não foi encontrado notícia se a menina Maria foi localizada. O que há em comum nestas histórias, que circularam no estado do Rio de Janeiro entre 1888 e 1899, é o uso da palavra como alcunha, sendo Giby vinculados à figura masculina e Gibi ligado à figura feminina.

### 3.2 De preto a mulato

O que era uma alcunha passou a ser usado como gíria genérica atribuída às crianças negras. No jornal O Rio-Nú, de 11 de janeiro de 1905, há uma ilustração (Figura 2) intitulada "De preto a mulato" onde uma mulher branca amamenta uma criança negra na intenção de transformá-la em mulata.

Figura 2 - De preto a mulato.
O Rio-Nú, Rio de Janeiro, n. 680, 11 de janeiro de 1905.

O RIO NU – 11 DE JANEIRO DE 1905

NÇA DO BRAZIL
, Camisas e todos
Encommendas sob medida

Cesar Bap
83, RUA DA
RIO DE J

DE PRETO A MULATO

Tenho esperança de que farei deste *gibi* um mulatinho. Desta mistura não pode deixar de sahir café com leite.

QUEREM calçado bom, *chic* e elegante? Comprem na popular Casa

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

O termo mulato passou a ser usado no fim do século XVI, no Brasil colônia, para os descendentes mestiços, que sofreram preconceitos e sanções impostas pelo Estatuto de Limpeza de Sangue português:

> [...] os mulatos eram considerados uma "raça infecta", sendo-lhes vetado o acesso a determinados cargos públicos e títulos de nobreza. A despeito disto, muitos conseguiram assumir postos de proeminência no Brasil colonial e conquistaram títulos nobiliárquicos. Com o tempo, o termo mulato passou a ser associado à cor, identificando aqueles cujo tom de pele estaria entre o negro e o branco. (Pureza [...], 2021).

A tese de raça humana superior, conhecida como eugenia, surgiu em 1883 na Inglaterra e defendiam práticas que tinham o objetivo de melhorar as características genéticas

de uma população. A elite brasileira passou a se preocupar com isso ainda no período colonial ao constatar que a maior parte da população era formada por africanos, indígenas e miscigenados. Como isso, houve o incentivo à imigração, principalmente de europeus, com o objetivo de promover o branqueamento do país.

O Rio-Nú era um periódico de humor que começou a circular no Rio de Janeiro em 1898. Produzido por jovens, era um jornal conhecido por uma linha editorial de transgressão, contendo muitas críticas ácidas à sociedade e conteúdo erótico. Explorou nas ilustrações e nos contos a imagem da mulher como figura poderosa, sedutora e tentadora. "Com o fim da escravidão, a entrada de milhares de imigrantes e o sucesso de teorias científicas como o evolucionismo, a mulher branca passou a ser mais valorizada que a mulher negra" (Costa, 2021, p. 466). Costa conclui que o jornal, feito por homens e para homens, transitava entre o rompimento da moralidade e o reforço das hierarquias socioculturais, trazendo a imagem da mulher fatal como uma ameaça aos bons costumes e à estabilidade das famílias.

O desenho da edição 680 pode ser lido como uma metáfora deste tempo, onde a mulher branca - de corpo farto, perigosamente sedutora e cobiçada - simbolizava a nação que alimentava os meninos negros - os gibis-, transformando-os em mulatos. Na legenda: "Tenho esperança de que farei deste gibi um mulatinho. Desta mistura não pode deixar de sahir café com leite" (De preto [...], 1905, p. 4). A questão do branqueamento da população pode ser percebida na citação da mistura dos líquidos. O leite acrescentado ao café preto, deixava a bebida com uma tonalidade mais clara, assim como os anseios da sociedade de ideais eugenistas em transformar o Brasil em um país mais civilizado.

### 3.3 Feio como um giby

Nova menção de giby é encontrada em O Tico-Tico. Fundada em 11 de outubro de 1905 pelo jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva, a revista foi a primeira do país a ser direcionada ao público infanto-juvenil. Suas edições continham história em quadrinhos, ilustrações, textos e passatempos. Chegou a ter tiragem de 100 mil exemplares por semana[5], tornando-se um grande sucesso editorial. Para a edição de 2 de maio de 1906, o artista J. Carlos criou a série "O talento do Juquinha", que passou a ocupar as capas. Juquinha era um menino branco e travesso que a cada história criava uma traquinagem diferente. Esse atentado garoto ganhou um companheiro de aventura em 16 de outubro de 1907. Era Giby, um menino negro retratado de forma estereotipada.

---

[5] Fundação Biblioteca Nacional. **O Tico-Tico**. 6 abr. 2015. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-tico-tico/. Acesso em: 22 jul. 2022.

O conceito de estereótipo é definido por Lakatos (1989, p. 108) como uma prática de "construções mentais falsas, imagens e idéias de conteúdo alógico que estabelecem critérios socialmente falsificados." Segunda a socióloga, se atribui às pessoas as características e generalizações que não existem na realidade. A formação de estereótipos depende principalmente da posição social e cultural dos indivíduos e dos grupos, atingindo principalmente a classe, etnia e religião. Podem ser do tipo positivo e negativo, sendo que este segundo tem o objetivo de isolar e diminuir a oportunidade de experiências novas. Um dos colaboradores para a propagação dos estereótipos são os meios de comunicação de massa.

A origem do esteriótipo dos negros nos desenhos humorísticos pode ser traçada quando artistas brancos dos Estados Unidos da América do Norte do século XIX passaram a encenar personagens cômicos pintando o rosto de preto. "O blackface é uma técnica de maquiagem teatral, na qual pessoas brancas pintam-se de negras para imitá-las de forma caricata, o que reforça características físicas, estereotipando-as com o intuito de fazer piada" (Ferreira, 2017). A prática era usada para divertir a aristocracia branca escravocrata. O pesquisador Nobuyoshi Chinen cita o estudo de 2003 feito por Michael D. Harris denominado *Colored pictures: Race & visual representation*, que analisou charges e identificou que esse estereótipo passou a ser usado por chargistas, que trouxeram essas expressões exageradas para os seus desenhos em publicações de grandes tiragens. Entre as mais famosas está a série de gravuras da editora Currier e Ives, impressa em 1880 e distribuída para vários países. "[...] essa tradição já existia desde o final da década de 1820, mas o sucesso das gravuras da Currier e Ives foi determinante para popularizar esse tipo de representação humorísitca dos negros" (Chinen, 2013, p. 50).

O estilo de representação estereotipada pode ser encontrado no personagem Giby de J. Carlos, com sua cor de pele preto chapada, seus olhos esbugalhados e grandes lábios vermelhos. Na primeira aparição (Figura 3), de subtítulo "A ignorância de Giby", Juquinha espanta-se com a cor do garoto ao deparar-se com o "[...] moleque mais preto que até hoje tem se visto" (Carlos, 1907, p. 1). Nessa primeira história descobre-se que o nome do menino é Izidóro Carneiro, o novo copeiro da casa. Giby foi o apelido dado por Juquinha ao garoto para debochar de sua cor e condição social. Juquinha ainda completa a fala afirmando "Carneiro… preto… considerou Juquinha. Ha de ser burro por força."

Com a inserção de Giby nas histórias, Juquinha continuou a aprontar as suas confusões, só que desta vez quem levava a pior era o seu companheiro de brincadeiras. A relação de submissão foi comum nas oito vezes que a dupla foi publicada em O Tico-Tico, seguindo o padrão onde Juquinha sempre colocava Giby em uma situação constrangedora.

Figura 3 - A figura estereotipada de Giby, de J. Carlos.
O Tico-Tico, n. 106, 16 de outubro de 1907. Rio de Janeiro.

Anno III RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO DE 1907 Num. 106

JORNAL DAS CRIANÇAS PUBLICA-SE AS QUARTAS FEIRAS

TICO-TICO

ESTE JORNAL PUBLICA OS RETRATOS DE TODOS OS SEUS ASSIGNANTES

O TALENTO DO JUQUINHA | A ignorancia do Giby

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, Rua do Ouvidor, 183—RIO DE JANEIRO

Ha poucos dias *Juquinha* entrando desencabrestadamente pela sala da copa, estacou surprehendido deante do moleque mais preto que até hoje tem se visto.
Era um copeiro novo, que entrára para o serviço da casa.
*Juquinha* não pode deixar de rir. Pitou resoluto o moleque e, ainda em sorrisos, perguntou:
—O Giby! como te chamas?
—Izidóro Carneiro, sim sinhô.
—Carneiro... preto,... considerou Juquinha.
Ha de ser burro por força.

(Continúa)

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Outra associação racista pode ser encontrada na edição de O Tico-Tico, de 23 de outubro, em um anúncio do Sabão Aristolino. A propaganda diz que o produto cura as moléstias da pele dos meninos. Na ilustração, a mãe arruma o lenço no pescoço de seu filho branco e o texto argumenta que, mesmo bem vestido, se ele não usar o produto pode ficar com nojo de si mesmo. “Enquanto eu não usar o Sabão Aristolino não fico bom, e enquanto não ficar bom, posso andar vestido como um príncipe, que serei sempre feio como um giby” (O Tico-Tico, n. 107, 1907, p.13). Mais um registro em que os meninos negros, conhecidos como gibys, são associados a nojo e figuras grotescas.

Um novo personagem de nome Gibi surgiria nas páginas de O Jornal em 1931. Adquirido por Assis Chateaubriand em 1924, este jornal foi o primeiro veículo de comunicação que daria origem aos Diários Associados. Tinha aos domingos as páginas dominicais do “Jornal das Crianças”, comandada pelo editor Tio Haroldo, que anunciou a criação de um suplemento infantil. A novidade traria as tiras da dupla Pirolito e Gibi. Segundo a descrição da apresentação, “Pirolito é branco. Gibi é preto. Mas apesar disso os dois são amigos inseparáveis de traquinadas” (O Jornal, n. 3963, 1931, p. 1). A estreia de

Pirolito e Gibi aconteceu na edição número um do Suplemento Infantil, no dia 21 de outubro de 1931. O roteiro básico trazia o menino negro sofrendo com as brincadeiras do menino branco. A situação de maldade era tão explícita, que a leitora Delia O. Cabral enviou uma carta para a "Caixa de Correio do Supplemento Infantil d'O Jornal", onde deixa claro que ela ficou com pena de Gibi e que esperava que ele não caísse mais nas brincadeiras de Pirolito[6]. Percebendo a perversidade das brincadeiras, O Jornal publica um editorial do Tio Haroldo onde informava que esses garotos iriam levar a vida um pouco mais a sério. Pirolito anuncia, em sua última aparição, que irá entrar para o Colégio interno de Laffayette. O personagem deixa as histórias como começou, passando a perna em Gibi na venda de uma bola de futebol. Na segunda fase, em 1932, Gibi ganha a companhia de Pedrinho e Eunicinha. O trio continua criando confusões, mas o roteiro fica mais leve e sem penalizar Gibi. Porém, no final de 1933, o menino volta a ser retratado como um serviçal, o "pretinho da casa" (Figura 4) e um tolo que tem dificuldade de aprender e de executar uma ordem de forma eficiente:

> Ninguém descobriu ainda na casa de Pedrinho se o Gibi é mais vadio do que burro ou mais burro do que vadio. O que todos sabem porém, com absoluta certeza, é que o creolinho é a cretura mais difficil que existe para entender um recado. (Supplemento Infantil, n. 67, 1934, p. 1).

Figura 4 - Gibi, o pretinho da casa.
Supplemento Infantil. O Jornal, Rio de Janeiro, n. 58, 17 de dezembro de 1933.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Mais um registro da palavra pode ser observado em 1943. Nas "Aventuras de Chiquinho", desenhada por Luís Gomes Loureiro, o personagem Pituca passeia ao lado de sua mãe em direção à casa de Chiquinho. Chegando lá, depara-se com Benjamin. Ao avistá-lo, Pituca pergunta: "- Mamãe, quem é esse gibi?". O texto continua dizendo que "O Benjamin

[6] O Jornal, Rio de Janeiro, Ano 14, n. 4039, p. 15, 3 jan. 1932. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=gibi&pagfis=11746. Acesso em 19 ago. 2023.

coitado, ficou danado, mas nada respondeu naquele momento" (Loureiro, 1943, p. 40). No final, Benjamin se une a Chiquinho para dar uma lição no garoto malcriado.

Os registros encontrados mostram como o termo gibi transitou de uma alcunha para transformar-se em gíria. Algumas vezes grafadas como y no final, outras com i, gibi deixou de ser atribuído as meninas e passou a ser usado genéricamente para indicar todos os meninos negros, sempre acompanhada de adjetivos negativos como feio, grotesco, vadio e burro.

### 3.4. Gibi: o pequeno jornaleiro negro

O crescimento da mídia impressa contou com a contratação de uma rede de trabalho infantil. Alberto Dines (2013) nos conta que os vendedores de rua surgiram no período da Revolução Francesa, onde crianças anunciavam panfletos e pasquins revolucionários em Paris. Quando os jornais aumentaram sua tiragem, foi necessário que pessoas circulassem pelas cidades para vender as edições. Em um primeiro momento foi usado vendedores adultos, mas logo se descobriu que crianças podiam fazer esse mesmo trabalho por um custo muito menor.

No Brasil, o uso de vendedores de rua começou quando "Em 1858, A Atualidade contratou escravos e recém-libertos para vender os exemplares e outros jornais copiaram a ideia" (Dines, 2013). A vinda de imigrantes para o país, a partir de 1875, trouxe a experiência das gazetas europeias e os jovens, principalmente os de descendência italiana, passaram a trabalhar nas redes de distribuição de jornais e tornaram-se posteriormente poderosos empresários do setor. Mas a maioria dos vendedores de jornais eram meninos pobres que ajudavam a sua família a trazer algum tipo de sustento para a casa ou eram crianças órfãs e abandonadas tentando sobreviver. As empresas de jornais usaram dessa condição social para contratar esses menores para a distribuição de seus exemplares. Eles ficaram conhecidos como os pequenos jornaleiros.

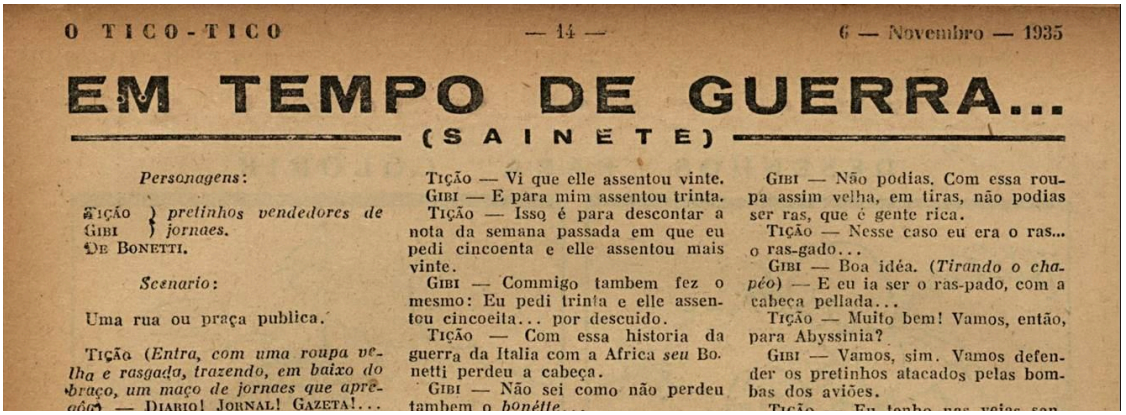
Na estreia da revista O Tico-Tico, logo na capa da edição 1 do ano 1, podemos encontrar a história em quadrinhos que mostra os desenhos de uma passeata de crianças que reivindicam um jornal só para elas. Com isso, a editora Malho cria O Tico-Tico. Mas um pai desatento chega em casa e esquece de comprar a edição para seus filhos, achando que biscoitos seriam suficientes para satisfazer as crianças. Porém os filhos Carlito e Zezé se mostram decepcionados e se revoltam. A mulher e a sogra cobram do homem que ele satisfaça o desenho das crianças. Então o senhor volta para a rua e encontra um pequeno jornaleiro negro (Figura 5), que lhe vende três exemplares (a sogra também queria ler).

Figura 5: Pequeno jornaleiro negro vende O Tico-Tico na rua.
O Tico-Tico, n. 1, de 11 de outubro de 1905.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Em 6 de novembro de 1935, mais um registro encontrado na revista O Tico-Tico, que publica um texto em formato de uma pequena peça de teatro intitulado "Em tempo de Guerra…" (Figura 6). Escrito por E. Wanderley, a história traz dois meninos negros, vendedores de jornais. Na descrição dos personagens a indicação de "Tição e Gibi: pretinhos vendedores de jornaes" (Wanderley, 1935, p. 14). Eles comentam sobre suas vendas e discutem as notícias sobre a guerra da Itália com a África que causam angústia no seu patrão, o imigrante italiano De Bonetti.

Figura 6: Pretinhos vendedores de jornaes.
O Tico-Tico, n. 1570 , de 6 de novembro de 1935



O TICO-TICO — 14 — 6 — Novembro — 1935

EM TEMPO DE GUERRA...

(SAINETE)

*Personagens:*

Tição } *pretinhos vendedores de*
Gibi } *jornaes.*
De Bonetti.

*Scenario:*

Uma rua ou praça publica.

Tição (*Entra, com uma roupa velha e rasgada, trazendo, em baixo do braço, um maço de jornaes que aprecia*) — Diario! Jornal! Gazeta!...

Tição — Vi que elle assentou vinte.

Gibi — E para mim assentou trinta.

Tição — Isso é para descontar a nota da semana passada em que eu pedi cincoenta e elle assentou mais vinte.

Gibi — Commigo tambem fez o mesmo: Eu pedi trinta e elle assentou cincoeita... por descuido.

Tição — Com essa historia da guerra da Italia com a Africa *seu* Bonetti perdeu a cabeça.

Gibi — Não sei como não perdeu tambem o *bonétte*...

Gibi — Não podias. Com essa roupa assim velha, em tiras, não podias ser ras, que é gente rica.

Tição — Nesse caso eu era o ras... o ras-gado...

Gibi — Boa idéa. (*Tirando o chapéo*) — E eu ia ser o ras-pado, com a cabeça pellada...

Tição — Muito bem! Vamos, então, para Abyssinia?

Gibi — Vamos, sim. Vamos defender os pretinhos atacados pelas bombas dos aviões.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

Esses pequenos jornaleiros acabaram se tornando um grande problema social. Por morarem em locais longe do trabalho ou por sua condição de abandono, muitos desses garotos acabavam dormindo nas ruas próximas às editoras para facilitar o recebimento dos exemplares. Segundo Weinhardt (2017, p. 4), alguns começavam a jornada de trabalho no

final da tarde, ficando expostos a riscos e acabavam entrando em contato com o submundo dos adultos, onde muitos se tornaram usuários de tabaco e de bebidas alcoólicas.

As empresas jornalísticas passaram a fazer a defesa dos pequenos trabalhadores porque a imagem dessas entidades estavam interligadas a esses vendedores. “O jornalista é um homem que mobiliza essa trincheira de combate e de defesa. Mas entre ele e o publico existe um elemento de contato - o pequeno jornaleiro” (Schmidt; Schmidt, 1938, p. 19). Editoriais exaltavam o trabalho duro dessas crianças, que circulavam pelas ruas, vielas, becos ou bondes, seja no calor ou no frio, com sol ou chuva, de manhã ou à noite. Na busca por melhores condições de vida para esses garotos, surge no Rio de Janeiro a primeira Casa do Pequeno Jornaleiro, em 1938, idealizada pela primeira-dama do Brasil Darcy Vargas[7]. Funcionou como um abrigo que oferecia moradia, educação, alimentação e apoio médico.

Os pequenos jornalistas tinham como concorrência as bancas de revistas. Inicialmente eram pontos de vendas feitos de tábuas de madeira sobre caixotes onde os jornais eram colocados. Criação do imigrante italiano Carmine Labanca[8] em 1880, no Largo do Machado no Rio de Janeiro, o ponto fixo criou o hábito dos leitores irem “no Labanca” comprar o jornal. Outros gazeteiros abrem pontos de vendas em locais de grande fluxo de pessoas, fazendo com que os pequenos jornaleiros tivessem que se deslocar para locais mais afastados. A venda de jornais feitos por meninos perde a força na medida em que as bancas se espalham pelas cidades, suas estruturas evoluem e se tornaram o principal ponto de distribuição da produção editorial do país. A atividade de venda por crianças encerra-se completamente quando é promulgada a Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 7º proíbe “o trabalho noturno, perigoso ou insalubre aos menores de dezoito anos e de qualquer trabalho menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz”[9]. Em 1990, a consolidação da proteção contra a exploração do trabalho infantil vem através da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente.

---

[7] FUNDAÇÃO DARCY VARGAS. Nossa história. Disponível em: https://fdv.org.br/sobre-a-fdv/nossa-historia/ Acesso em 26 jul. 2022

[8] HISTÓRIA do jornaleiro. SINVERJO. Belo Horizonte. Disponível em: http://www.sinvejor.org.br/component/content/article/3/35. Acesso em 10 fev. 2013

[9] BRASIL. Constituição Federal. Artigo 7 - ~~XXXIII.~~ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

## 4 A REVISTA GIBI

No final da década de 1930, o diretor do Grupo Globo, Roberto Marinho, entrou em uma disputa editorial no segmento de revistas em histórias em quadrinhos. O pesquisador Gonçalo Junior, em seu livro "A Guerra dos Gibis", relata que Marinho primeiramente descartou a ideia de seu colaborador Adolfo Aizen de criar suplementos dentro do jornal direcionado para o público infanto-juvenil. Aizen voltava de uma viagem aos Estados Unidos da América do Norte onde conheceu os suplementos que faziam grande sucesso no país. Na avaliação do diretor do jornal, a proposta de produzir esses suplementos era um investimento de alto risco.

Aizen não desistiu da ideia. Em sociedade com João Alberto Lins de Barros, proprietário do jornal A Nação, lança em março de 1934 o Suplemento Infantil. A novidade fez com que as vendas crescessem. "Naqueles dias, a tiragem do jornal passava dos 60 mil exemplares por edição - três vezes a circulação normal do diário antes do caderno" (Gonçalo Junior, 2004, p. 33). Entretanto, o suplemento enfrentou resistência do redator-chefe do jornal que acreditava que uma publicação lida por crianças tirava a credibilidade do periódico.

João Alberto acabou acatando as argumentações de seu redator-chefe e cancelou os suplementos, mas deu apoio financeiro para que Aizen fundasse sua própria editora. Ainda em 1934 era criado o Grande Consórcio Suplementos Nacionais, que continuaria com a publicação, apenas trocando o nome para Suplemento Juvenil.

O Suplemento Juvenil chegou, segundo Gonçalo Junior (2004, p. 54) a marca de 200 mil exemplares vendidos por semana já em seu segundo ano de circulação, tornando-se bissemanal. O sucesso da venda chamou atenção e fez com que Roberto Marinho mudasse de opinião. Em 1937, o empresário convidou Aizen para uma reunião para tentar uma parceria. A proposta foi recusada por causa da parceria com João Alberto. Roberto teria respondido "Bem, se você não pode, então eu vou fazer sozinho" (As aventuras [...], 1974, p. 5). Decidido a entrar no ramo de vendas de quadrinhos, Marinho lança O Globo Juvenil ainda em 1937. O empresário não só usou o mesmo nome "Juvenil", como adquiriu os direitos de publicação dos principais personagens das histórias do Suplemento Juvenil. Aizen mantinha um contrato anual com o representante das editoras norte-americanas no Brasil e Roberto Marinho aproveitou uma brecha para oferecer um contrato muito mais vantajoso. Ao mesmo tempo em que desfalcou o seu concorrente de seus maiores sucessos, atraiu para a nova revista um público fiel a seus personagens favoritos. Dois anos depois, para se consolidar no mercado, O Globo prepara uma segunda publicação.

## 4.1 Gibi do jornal O Globo

No início de 1939 começou a circular no jornal O Globo uma campanha publicitária enigmática que anunciava uma novidade com a letra G que fez muitas pessoas quebrarem a cabeça com o mistério. Em março é revelado que o G era de Gibi, a nova revista em quadrinhos. Ainda em março, no dia 17, o suplemento O Globinho publica a marca do Gibi, prometendo que um novo mundo de emoções inigualáveis estava por vir. No suplemento há a informação de que no número 1 seria publicada a história em quadrinhos de Charlie Chan, um detetive chinês aclamado pela crítica mundial. O lançamento teria o atrativo do sorteio de dois mil prêmios para os seus leitores, em conjunto com o Globo Juvenil.

Dois dias antes da estreia, um repórter do jornal circula pela cidade do Rio de Janeiro levando um exemplar da revista para registrar a expectativa e a reação das crianças. A reportagem de O Globo (n. 3933, 1939, p. 1-2) revela que os primeiros leitores de Gibi foram Haroldo, um garoto que saía de uma sessão do Cinema Parisiens; Klaus, um leitor fiel do Globo Juvenil; Antônio Costa, um garoto que adorava hqs de aviação; e Heleninha, que estava muito interessada na premiação do pianinho porque queria ser uma pianista.

Em 12 de abril de 1939 estreia a revista Gibi. O nome escolhido foi inspirado na figura do pequeno jornaleiro negro que vendia jornais nas ruas. Na capa, ao lado da logo (Figura 7), aparecia o desenho de um menino com cor preta, careca, lábios grossos e olhos esbugalhados, vestindo uma camisa branca, bermuda com suspensórios e pés descalços. Ele está com um braço erguido, anunciando e convidando os leitores a lerem a revista. A edição tinha 32 duas páginas, formato 21x28 cm e custava 300 réis. Era publicada duas vezes por semana. No conteúdo a predominância de quadrinhos estrangeiros traduzidos e alguns contos. O personagem gibi aparecia somente na capa ou no expediente, sempre vinculado à marca da revista.

Figura 7: Menino negro vendedor de jornal ao lado da logo da revista Gibi.
Gibi, Rio de Janeiro, n. 1, 12 de abril de 1939.

Fonte: Acervo Jornal O Globo

Na edição número três, a revista publica o conto “Gibi”, escrito por William C. White. O conto tinha três páginas, com um aviso de que o texto continuaria na próxima edição. A história é sobre um menino conhecido como Gibi, de onze anos, morador da ilha de Tobago, que trabalhava no Francis Drake Hotel. Logo no primeiro parágrafo se lê que “Onde êle arranjara aquele nome, ninguém sabia, mas o certo é que pessoa alguma o chamara de outra maneira”. Segundo a análise de Álvaro de Moya, “A impressão que se tem é que pegaram um daqueles contos colonialistas do Império Britânico e incluíram nele o nome de Gibi.” (Moya, 2003, p. 114) para sugerir uma suposta fonte de inspiração para o título da revista. Nobuyoshi Chinen completa:

> [...] Mas a história era ambientada na Índia e o tal gibi era um serviçal que, nas ilustrações, assinadas por A. K. MacDonald, não era negro, mas moreno, e usava um turbante típico como o de um faquir. Se essa foi a inspiração para o nome da revista, era incompatível com a figura do menino negro que aparecia na capa desde o primeiro número e que seria eternizado como seu personagem-símbolo. (Chinen, 2010, p. 44).

Gibi tornou-se rapidamente um grande sucesso. Antes de completar um ano, a revista passou a ser vendida três vezes por semana. O Jornal Diário da Noite, em outubro de 1939, registrou o grande interesse do público infantil pelas revistas. Na nota “Não há como ser criança para não ser pequenino” fala sobre a grande aceitação do público juvenil:

> Isso explica, naturalmente, o surto e a aceitação de revistas como “Gibi” e “O Globo Juvenil”, compostas com a selecção daquellas narrativas do genero maravilhoso tão agradável e ao mesmo tempo necessario para a formação vigorosa das gerações novas, porque em suas paginas palpita o espírito audaz e emprehendedor do seculo. E sem esse espírito não se poderá talvez contar com o homem de amanhã. (Não há [...], 1939, p. 12).

As vendas fizeram com que a empresa investisse na importação da primeira grande rotativa do tipo Goss do país, em 1940, para atender a demanda da tiragem e melhorar a qualidade das páginas coloridas. Porém, a Segunda Guerra Mundial trouxe dificuldades para importar papel, o que limitou o crescimento e obrigou a fazer o reajuste nos preços. Apesar desses problemas, uma reportagem da revista Rio de 1944 sobre O Globo, intitulada “A vida de um grande jornal”[10] revelava que o plano da empresa, assim que a guerra chegasse ao fim, era lançar novas revistas em quadrinhos com preços mais baratos.

A imagem do menino ao lado do logo manteve-se inalterada até a edição número 1739, de 31 de março de 1950. Nesta data foi anunciado que a partir do próximo sábado os

---

[10] PONGETTI, Henrique. A vida de um grande jornal. **Rio**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 75-81, jul. 1944. Disponível em:https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=146854&pesq=gibi&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=801. Acesso em 26 jul. 2023.

leitores encontrariam nas bancas um Novo Gibi. Ganhando novo formato de 18x30 cm, a partir do número 1740, Gibi surge vestindo um smoking (Figura 8), usando luvas brancas, segurando uma cartola e calçado. Ele muda de lugar, ficando posicionado ao lado do selo que mostra a numeração e o preço da revista. A vestimenta de gala dura até a edição 1775. Na revista seguinte, o layout do menino da primeira edição retorna. O destaque da chamada passa a ser o nome do personagem principal de cada edição, sendo que o logo e o garoto passam a ocupar lugar discreto na capa. Em algumas edições, o menino é suprimido.

Figura 8: Gibi com roupa de gala nas capas do Novo Gibi.
Novo Gibi, O Globo, Rio de Janeiro, n. 1749, de 15 de outubro de 1950.

Fonte: Acervo pessoal

Uma segunda revista, Gibi Mensal, passou a circular periodicamente a partir de 1941. Contendo 100 páginas, usou a mesma estética da marca da revista original, acrescentando apenas a palavra Mensal. A partir de 1951, a marca passa por ajustes, mantendo a alternância da presença do pequeno vendedor de jornais na capa.

## 4.2 Gibi repaginado na RGE

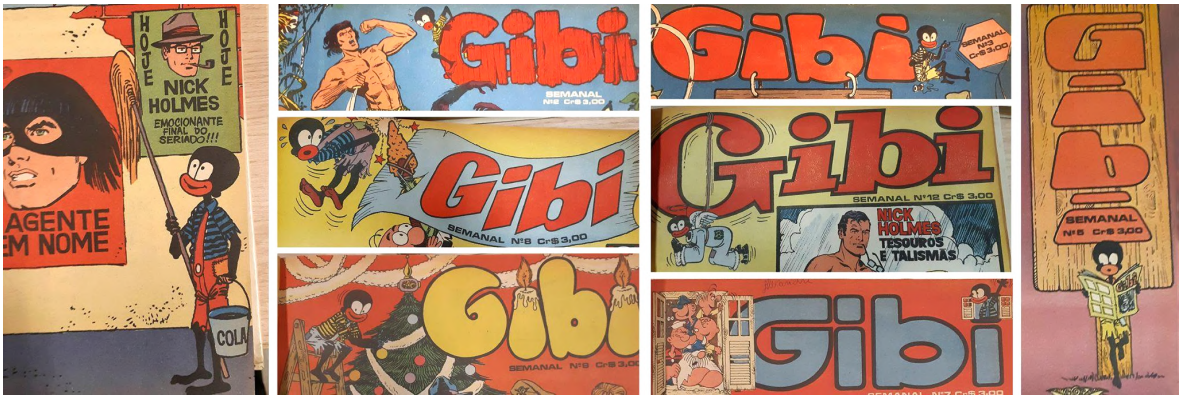
As vendas cresceram e fizeram com que o parque gráfico da editora Globo não conseguisse mais comportar a grande demanda de impressão de exemplares. A solução foi fundar, em 1952, a editora Rio Gráfica Editora (RGE) que se tornaria responsável pelas hqs e gerenciaria outras outras revistas voltadas para o público infanto-juvenil.

Segundo listagem de publicações da RGE[11], em 1953 a tiragem quinzenal do Novo Gibi era de 60 mil revistas por edição, enquanto a Gibi Mensal chegava a 85 mil. Na editora, o Novo Gibi mantém a tendência de diversificar a marca, sendo que o garoto continuava a aparecer em algumas capas, sendo suprimido em outras. O Gibi Mensal seguiu por pouco tempo esse padrão, retirando de vez o personagem da capa em 1953.

[11] ROBERTO Marinho e os gibis. **Memória Roberto Marinho**. 23 fev. 2022. Disponível em: https://historia.globo.com/memoria-roberto-marinho/documentos/noticia/roberto-marinho-e-os-gibis.ghtml. Acesso em 2 fev. 2023.

O pequeno vendedor de jornais ganhou um novo visual a partir de 1973, quando a RGE lançou diversas revistas especiais levando a marca Gibi, como o Almanaque do Gibi Atualidade, Coleção Gibi Especial (depois Gibi Mensal), Gibi Semanal e Gibi Nostalgia. Na maioria dessas edições, o garoto continuava aparecendo de forma discreta, ao lado do título, em forma de selo localizado no expediente das revistas, em pequenos anúncios e em ilustração na seção de cartas da Coleção Gibi chamada "Gibi Responde" onde ele está em uma mesa de escritório digitando em uma máquina de escrever. O maior destaque do personagem foi na série Gibi Semanal, que circulou entre os anos 1974 e 1975. Essa revista ganhou tratamento especial nas capas. A cada edição a marca Gibi aparecia com um design diferente de acordo com a temática da revista. E o garoto gibi interagia tanto com a logo, quanto com os personagens que iriam estrelar o número (Figura 9). Essa interação aconteceu em todas as quarenta edições do Gibi Semanal.

Figura 9: Gibi interagindo nas capas de Gibi Semanal.




Fonte: Montagem com as fotos do acervo da Gibiteca da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte

Em duas ocasiões chegou a ser o único destaque da capa. No número 15 (Figura 10), o menino está lendo a própria revista que remete a estética do original. No número 40 (Figura 11), surge com cara triste com o fim do título e com um trouxa de pano, anunciando que esse seria o último número desta série. O editorial da revista[12] justifica que o fim aconteceu devido ao alto custo do papel e das baixas vendas. Segundo o texto, a revista começou com uma tiragem de 160 mil exemplares e as últimas edições só chegaram a 35 mil, provocando o desequilíbrio financeiro e forçando a editora a cancelar o formato.

Ainda na edição número 40 há um anúncio interno da revista, onde novamente podemos ver o menino no seu ofício de vendedor de jornais (Figura 12). O anúncio é sobre a venda de antigas revistas feitas via reembolso postal onde ele aparece segurando várias revistas em quadrinhos com uma placa de preço e usa um boné dos correios.

---

[12] Perdão, leitores! Isso é uma despedida. **Gibi Semanal**. n. 40. Rio de Janeiro: RGE, 30 jul. 1975.

Figura 10: Gibi lendo Gibi.
Gibi Semanal, RGE, Rio de Janeiro, n. 15,
de 5 de fevereiro de 1975.

Figura 11: Perdão leitores! Isso é uma despedida.
Gibi Semanal, RGE, Rio de Janeiro, n. 40,
de 30 de julho de 1975.

Fonte: Acervo pessoal

A revista Coleção Gibi Especial circulava na mesma época. Em sua edição número 6, de outubro de 1975, trocou o título da capa para Gibi Mensal. Essa sexta edição coincide com o cancelamento da Gibi Semanal. Por isso, a RGE usou a seção de cartas "Gibi responde" para postar mensagens de seus leitores repercutindo o fim da revista. O fato de o personagem ter protagonizado as capas do Gibi Semanal proporcionou uma identificação dos leitores percebida nas cartas de lamentações do cancelamento enviadas para a redação:

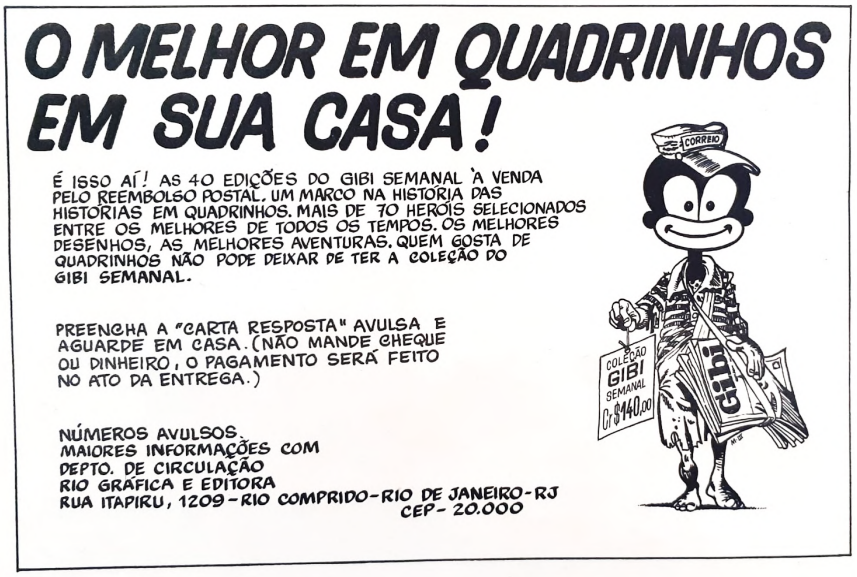
> [...] e agora fui abandonado. Abandonado por esse crioulo safado, que faz olho de peixe morto, joga a trouxinha nas costas e vai embora.[...] (Coleção Gibi Especial, n. 6, 1975. p. 83).

> [...] fui ao meu jornaleiro como sempre, buscar o meu novo GIBI. E vi uma capa muito singular - o "negrinho", com a trouxinha nas costas, estava com um olhar tristonho, como querendo dizer alguma coisa. (Coleção Gibi Especial, n. 6, 1975. p. 83).

Aos poucos o perfil do consumidor foi se alterando. As revistas de linha editorial com conteúdo de coletânea - trazendo diferentes personagens, de diversos estilos, a cada edição - perdem popularidade e os leitores passam a preferir publicações com histórias mais homogêneas e seus personagens favoritos fixos. Os personagens mais populares ganham revistas próprias. Posteriormente, a entrada no mercado da editora Abril fez com que a RGE

perdesse mercado e muitos de seus personagens licenciados. Em 1987 a RGE chega ao fim. O departamento de quadrinhos foi reestruturado e incorporado à Editora Globo.

Figura 12: Gibi vendendo revistas.
Gibi Semanal, RGE, Rio de Janeiro, n. 40, 30 de julho de 1975.




Fonte: Acervo pessoal.

A revista Gibi deixou de circular nas bancas, mas

> Nessa época, a palavra gibi já havia se transformado em sinônimo para revista de histórias em quadrinhos, o que significava que o título havia deixado sua marca não apenas na indústria editorial, mas na sociedade brasileira como um todo. (Vergueiro; Santos, 2014, p. 182/183).

Foi encontrado no Dicionário Aulete de 1958 um dos primeiros registros onde o significado de gibi passa a significar revistas em quadrinhos. A edição define "GIBI, s. m. (Bras.) negrinho, moleque. || **(Rio de Janeiro) Revista em quadrinhos**" (Aulete, 1958, p. 2431, grifo nosso). Percebe-se que a definição mantém o significado de menino negro, exclui o grotesco e o feio e acrescenta o significado de hq vinculado a cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, o sucesso de vendas não foi o único elemento social responsável pela mudança de significado da palavra gibi.

## 5 GIBI E OUTRA PUBLICAÇÕES SEMELHANTES

A editora de Roberto Marinho fez grande investimento para consolidar o lucrativo negócio das revistas em quadrinhos. O lançamento de Gibi contou com a ampla divulgação do jornal O Globo, com anúncios de destaque dentro dos espaços publicitários. No dia do lançamento, 12 de abril de 1939, duas grandes propagandas podem ser vistas nas páginas 4 e 7 do jornal. Com a chamada "Hoje!", o anúncio dizia que a revista estaria disponível em todas as bancas trazendo na capa "As Aventuras de Charlie Chan". O jornal, que já era um dos principais da época, ajudou a impulsionar a divulgação, tendo em suas edições várias chamadas no decorrer dos anos. O anúncio "HOJE - Gibi em todas as bancas de jornais" repetiu-se em várias edições. Pequenas matérias sobre as histórias e novidades de eram escritas para despertar o interesse do leitor.

### 5.1 Relações Públicas

Para dar mais publicidade às suas revistas, O Globo tornou-se parceiro do Carnaval no High-Life Club. Em janeiro de 1940, no jornal A Noite, há um anúncio que diz que "Como sempre, os prestigiosos 'Globo Juvenil' e 'Gibi' patrocinarão esta festa a que comparecem para mais de cinco mil crianças!" (Crianças [...], 1940, p. 7). O High-Life Club era um clube social da alta sociedade carioca que tinha ampla programação cultural. A matinê teve diversas atrações como bandas, brincadeiras e premiações para as fantasias mais originais. Os pais acompanharam toda a diversão nas mesas dispostas no salão principal.

Outra iniciativa de relações públicas aconteceu com a aproximação da editora com a Aeronáutica. Na revista havia uma página dedicada às Forças Aéreas trazendo reportagens e o cupom do "Juventude do Ar", estimulando seus leitores interessados em aviação a se inscreverem na Escola Cadetes do Ar. No aniversário de um ano da Gibi, o Diário da Noite publicou nota comemorando o sucesso da revista e ressaltando a "permanente preocupação de servir à formação moral e cívica dos seus leitores, de guiar a curiosidade infantil para os melhores rumos" (O anniversario [...], 1940, p. 3). O texto diz que Gibi cativou os pais e as mais severas autoridades consideradas mestres da educação. Segundo o jornal A Noite, a iniciativa da revista Gibi promoveu a preparação de "cinco mil crianças para a Aeronáutica" (A juventude [...], 1941, p.2).

O Globo, O Globo Juvenil e Gibi promoveram em 1941 a escolha de dois embaixadores da juventude brasileira[13]. Dezoito candidatos foram escolhidos para uma entrevista no Instituto Nacional Pedagógicos, sendo que os dois selecionados do ensino secundário representaram a juventude brasileira no exterior. No ano seguinte, acontece novamente o intercâmbio dos estudantes, acompanhados de suas famílias e do professor, em uma missão de confraternização estudantil que passou pelo Uruguai e Argentina[14].

A empresa patrocinou a companhia de teatro de bonecos da atriz Yolanda Fagundes, criada em 1945. O projeto deu início ao Teatro Gibi, com uma programação voltada para o público infantil. Os espetáculos aconteceram por todo o estado do Rio de Janeiro, chegando a ser apresentado em São Paulo e Minas Gerais, agregando valor para o nome Gibi. Posteriormente o grupo foi incorporado ao Setor de Teatro Infantil da Seção de Bibliotecas e Auditórios da Prefeitura do Rio de Janeiro[15] em 1948.

## 5.2 Má influência misturada com vingança

Ao mesmo tempo que as revistas em quadrinhos atingiam altas tiragens de vendas e eram festejadas pelo público infantil, tiveram que lidar com diversos contratempos. Uma campanha sistemática contrária às histórias em quadrinhos surge no mundo e, segundo Gonçalo Junior (2004, p. 89), chega ao país através das críticas feitas pelo padre Arlindo Vieira ainda no final da década de 1930. Em 1940, o Encontro da Pastoral Coletiva do Episcopado Paulista, realizado na cidade de São Carlos em 29 de setembro, aprovou o manifesto em "Defesa da Criança", que considerava grave "o problema dos gibis e dos livros perniciosos" (Gonçalo Junior, 2004, p. 99) e alertava a comunidade e o governo sobre esse assunto. O manifesto convocou os padres a aderirem a uma cruzada contra essas revistas de conteúdo que contrariava os valores morais e cristãos.

A preocupação de que as hqs pudessem prejudicar a formação intelectual de crianças e jovens passou a ser pauta de pais, educadores, religiosos e políticos brasileiros. Entre novembro de 1944 e fevereiro de 1945, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) publicou artigo na Revista Brasileira Estudos Pedagógicos, de título "Uma investigação sobre jornais e revistas infantis e juvenis", lançado em 4 partes nos números 5, 6, 7 e 8 (INEP,

---

[13] OS EMBAIXADORES da juventude. **Diario da Noite**, ano 13, n. 3444, p. 5, 17 dez. 1941. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_02&pesq=gibi&hf=memoria.bn.br&pagfis=10563. Acesso em: 3 fev. 2023.

[14] EM TRANSITO para os paises platinos. **Correio Paulistano**, n. 26561, ano LXXXIX, 10 out. 1942, São Paulo. p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&. Acesso em: 3 fev. 2023.

[15] CRUZ, Domingo Gonzales. Maria Mazetti e o Teatro Gibi. **Casa Rui Barbosa**. Disponível em: http://antigo.casaruibarbosa.gov.br

1944-1945). A pesquisa analisou 96 exemplares completos e 9 publicações periódicas editadas no Rio de Janeiro, e depois aplicou 2070 questionários entre os leitores entre 8 e 16 anos, professores e mães. Entre as conclusões, houve o apontamento da predominância de temas que evocam mais a vida em países estrangeiros que a do Brasil, estrangeirismos desnecessários nos textos, sensacionalismo pouco conveniente à equilibrada formação estética e moral e a alta porcentagem de cenas de crueldade praticadas por tipos degenerados. A conclusão final não condenava todas as hqs, mas visou atingir principalmente os gêneros de aventura fantástica e contos policiais, apontados como má literatura por serem "[...] pouco conveniente ao sadio entretenimento de crianças e jovens" (INEP, v. 3, n. 8, 1945, p. 240).

A preocupação com as hqs espalham-se pelo Brasil. Em texto escrito por Aristeu para o jornal O Momento de Caxias do Sul em 1946, o autor relata a preocupação pelos males que as revistas em quadrinhos traziam à sociedade. Segundo ele, "Haja visto o Gibi e o Guri e outras similares, ao lado de certos opúsculos infantis que subvertem a imaginação da criança mediante o desenho caricaturista e o escrito bravateiro, animalesco e irrealizavel" (Aristeu, 1946, p. 2). Para completar seu argumento, o autor cita um caso de um menino de onze anos que matou a própria mãe, onde insinua que a influência e inspiração para o crime aconteceu devido ao fato de que o menino era um "assíduo devorador das revistas Gibi e Guri". O artigo termina alertando aos pais, professores, vendedores e autoridades públicas que exijam o fim da existência das revistas para solucionar essa má influência infantil.

As conclusões do INEP levaram as discussões para dentro do Congresso Nacional. Em 1948, o deputado Armando Leite propôs a criação de uma comissão de Educação e Cultura para investigar efeitos negativos das histórias em quadrinhos nas crianças. Porém o relator dessa comissão, Gilberto Freyre, defendeu a linguagem e impediu em seu relatório final qualquer tipo de censura:

> No relatório apresentado, acatado pela Comissão de Educação e Cultura, Freyre afirmou que as revistas em quadrinhos constituíam "elemento de ajuda na alfabetização" e "auxiliavam no ajuste da personalidade às lutas da agitada época por que passa o mundo". "Na opinião do parlamentar, as revistas serviam como "ponte para a leitura" de livros. (Brasil, 2011, p. 3)

Opositores e concorrentes aproveitaram esse cenário de questionamentos das hqs para atingir e difamar diretamente o grupo midiático de Roberto Marinho. Muitos movidos por vingança ao terem sido prejudicados pela crescente influência política do empresário.

O Diário de Notícias era um periódico que circulava na cidade do Rio de Janeiro. De propriedade do empresário Orlando Dantas, desde 1930 tinha em suas páginas a publicação diária de três tirinhas em quadrinhos, entre elas o marinheiro Popeye. Quando Adolfo Aizen

lança o seu Suplemento Juvenil, trazendo histórias do personagem, os dois fazem uma combinação publicitária onde duas linhas de texto indicavam "outras aventuras do marinheiro Popeye são publicadas no Suplemento Juvenil" que também inseriu em suas publicações mensagem semelhante direcionado ao Diário. Quando os direitos de publicação do personagem passam para O Globo, a publicidade é atualizada: "Outras aventuras do marinheiro Popeye são publicadas no 'Globo Juvenil' e 'Gibi'." Essa parceria dura até 1941, quando o jornal retira o anúncio. Roberto Marinho acusa que o rompimento publicitário aconteceu devido um decreto-lei especial aprovado por Getúlio Vargas, sugestão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) sob influência de Marinho, que barrou a realização de distribuição de prêmios em dinheiro dos jornais, afetando diretamente as receitas do jornal de Dantas. Dantas responde que o rompimento tinha outro motivo: o artigo do jornal O Globo que "[...] fazia a defêsa da ditadura de Vargas e me apontava, praticamente, à polícia, como 'sabotador' do regime de 1937" (Dantas, 1948, p. 4). Devido a esse artigo, Dantas renuncia ao cargo de conselheiro do DIP, retira as publicidades e guarda uma grande mágoa com o episódio.

A oportunidade de vingança veio em 1948. Os dois empresários promovem uma troca de acusações em editorias. O jornal de Dantas aproveita a polêmica e começa a publicar uma sequência de reportagens alarmantes que ligavam os quadrinhos à criminalidade. O objetivo do Diário de Notícias era atingir a figura de Marinho através de sua principal revista em quadrinhos aproveitando o clima desfavorável de críticas a tais publicações. Usa especialistas, como o professor Pascoal Leme, que afirmava que: "Certas publicações infantís, pior do que imorais, são criminosas." Segundo ele, "[...] publicações como 'Gibi' e 'Biriba' são prejudiciais à mocidade escolar [...]" (Certas publicações [...], 1948, p.1). No dia seguinte, o mesmo diário publica o depoimento de ilustradores que faziam a defesa dos artistas nacionais, noticiando que as histórias criadas por eles foram recusadas por ganância das editoras que preferiam material estrangeiro devido ao seu baixo custo. No subtítulo, pode ser lido o trecho "[...] Deformação da realidade infantil pelas publicações do tipo 'Gibi' [...]" (Não nos faltam [..], 1948, p. 1). Percebe-se que a reportagem usava o movimento dos artistas para aumentar a sua base de apoio e criticava de forma geral todas as editoras para manter um ar de isenção. Entretanto, ao fazer o uso da expressão "publicações do tipo gibi" aplicava uma tática de atingir Roberto Marinho de forma indireta.

O jornal abre espaço para que o Padre Arlindo Vieira continue sua cruzada contra os quadrinhos. Em uma de suas colunas, de 24 de novembro de 1948, o padre repercute os estudos de Fredric Wertham que futuramente seriam publicados no livro *Seduction of the*

*Innocent* que relacionava a leitura de "historietas em quadros" à crescente criminalidade infantil. A coluna ressalta que:

> O Diário de Notícias do Rio, por exemplo, iniciou há pouco uma luta cerrada contra as conhecidas revistas infantis "GIBI MENSAL", "O LOBINHO" e "SUPERMAN". Êsse grande órgão da imprensa carioca está secundando o movimento encabeçado pela Associação Brasileira de Educação. (Novos órgãos [...], 1948, p. 1).

Roberto Marinho também se defendeu. Através de O Diário da Noite, em 21 de outubro de 1948, o empresário denuncia que o Diário de Notícias movia uma campanha contra as revistas juvenis. Entre elas, uma notícia que tentava vincular um brutal latrocínio à influência da leitura de quadrinhos. O assassino Eugenio dos Santos declarou ao delegado do caso que um jornalista do Diário tentou lhe arrancar uma declaração de que "[...] fora levado ao crime sob a influencia da leitura de revistas infantis (Gibi)" (O delegado [...], 1948, p. 75). Mais um exemplo de como, na tentativa de vincular a criminalidade infantil à leitura de quadrinhos, o jornal de Dantas usou o termo gibi de forma genérica para designar todas as revistas infantis e atingir Marinho.

A generalização foi se espalhando para além da briga entre os dois empresários. Na opinião de Ney Guimarães para a revista O Malho de 1951, expõe sobre sua visão da influência negativa da "[...] geração que ficou absorvida pela leitura do 'Gibi' e outras publicações semelhantes." (Guimarães, 1951, p. 5). Ney escreveu que as pessoas que lêem o "Gibi e publicações do mesmo naipe" não possuem personalidade própria. Era necessário a criação de bibliotecas nos estabelecimentos de ensino que melhor selecionassem as leituras infantis e a volta de revistas em quadrinhos úteis para a higiene mental, a decência, o respeito, a compreensão do trabalho e o gosto pelas artes.

Outro concorrente, o Jornal Última Hora, atacou ferozmente as histórias em quadrinhos. Na capa do jornal do dia 30 de outubro de 1953, a chamada "Proibição Das Perniciosas Histórias em Quadrinhos". A matéria trata do projeto de lei da Câmara dos Deputados que propunha limitar os assuntos que não sejam nacionais. Segundo o proponente, deputado do Partido Trabalhista Aarão Steinbruch, "[...] além de fazer concorrência desleal aos editores nacionais, estão contribuindo para deformar a opinião pública, num trabalho constante de desnacionalização do nosso povo" (Proibição [...], 1953, p. 1). O principal alvo era o conteúdo estrangeiro das revistas de O Globo e do Diários Associados, em que o projeto queria limitar inicialmente em 40 por cento e progressivamente chegar à proibição total. Destaca-se dessa matéria o subtítulo da notícia "A Câmara Dos Deputados Reage Contra as Monstruosidades do Gibi".

Ainda em 1953, uma série de reportagens do jornalista Edmar Morel passaram a ser publicadas no Última Hora relacionando quadrinhos com criminalidade e perversão sexual. O jornalista tinha o objetivo de colaborar com o projeto da Câmara, trazendo dados sobre o aumento da criminalidade infantil relacionada à influência do que ele chamou de subliteratura. O jornalismo se mostra "contra a livre circulação de revistas gênero Gibi" (Morel, n. 734, 1953, p. 1). Na série, o autor critica diversas revistas como Guri, Shazam, Terror Negro e Gibi, mas usa expressões como "nossa geração é a do Gibi" (Morel, n. 735, 1953, p. 4). Utiliza o recurso semiótico onde afirma que o crime compensa, mostrando a foto de menores infratores com uma edição da revista Gibi nas mãos (Figura 13), e ainda acrescenta na legenda que "Na prisão, ao menor descuido dos inspetores do "Seul de Gusmão", os menores que encheram de terror a cidade, com seus crimes monstruosos, inclusive assassinatos, lêem a sua bíblia: GIBI" (Morel, n. 736, 1953, p. 1), para reforçar o caráter moralista e religioso da argumentação da má influência da revista.

Figura 13: Menores infratores lêem sua bíblia Gibi.
Última Hora, Rio de Janeiro, n. 736, 5 de novembro de 1953.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

No jornal O Semanário, uma reportagem de Fernando Gonçalves com o título "Heróis de 'Gibi' a serviços dos trustes" faz a crítica da história do Capitão Meia-Noite, que chegou ao mercado dezoito dias após o suicídio de Getúlio Vargas. Ele critica o herói, em um enredo que transmite para as crianças brasileiras uma mensagem de submissão e entreguismo das riquezas do país à América do Norte. No parágrafo introdutório da matéria pode-se ler que "[...] 'gibi' (caracterizando tôdas as publicações no gênero) [...]" (Gonçalves, 1956, p. 11). O detalhe é que o "gibi" do Capitão Meia-Noite foi publicado pela revista O Guri do grupo Diários Associados e não tinha nenhuma relação com a revista da editora O Globo.

A situação agrava-se quando uma onda moralista se instala nos EUA após o fim da Segunda Guerra Mundial. O psiquiatra Fredric Wertham publica o resultado de seus estudos no seu livro *Seduction of the Innocent* em 1954 e propaga a tese de que os *comics* eram fator de delinquência juvenil. O Congresso americano instala uma investigação e as editoras adotam uma autocensura através da criação de um código de ética através do selo *Comics Code Authority*. Os questionamentos norte-americanos deram mais argumentos aos críticos das revistas brasileiras. Mesmo assim, as vendas de quadrinhos continuavam em alta e os maiores empresários do setor - Roberto Marinho (O Globo), Assis Chateaubriand (Diários Associados), Adolfo Aizen (EBAL) e Victor Civita (Abril) - defenderam os seus negócios e conseguiram barrar todas as iniciativas que tinha o objetivo impor um controle de conteúdo, estabelecer um limite de material estrangeiro em suas publicações ou estipular uma reserva de mercado para os artistas nacionais.

Tendo o mercado de revistas sobrevivido aos ataques dos opositores e a consolidação do uso de gibi como sinônimo de quadrinhos, no final da década de 60 a expressão “Não está no gibi” cai no gosto popular. A frase significa uma situação ou um evento extraordinário, inimaginável. De qualquer maneira, os gibis sofreram as consequências desse desgastante período e precisavam vencer outra barreira: ocupar espaços nos acervos das bibliotecas.

## 6 GIBITECA

Ganhando fama de subliteratura pouco conveniente ao sadio entretenimento e que sua leitura poderia influenciar a delinquência infanto-juvenil, os gibis demoraram a encontrar espaço nas bibliotecas. Waldomiro Vergueiro nos conta que as hqs enfrentaram dificuldades em se transformarem em acervos das bibliotecas públicas, universitárias e escolares. Isso aconteceu porque as bibliotecas fazem parte do emaranhado das relações sociais e não ficam alheias às ideias dominantes na sociedade.

> Algumas vezes de maneira consciente, outras por simples inércia, os bibliotecários se recusaram a selecionar os quadrinhos para suas bibliotecas por entenderem que eles não se adequavam aos critérios de qualidade que haviam definido para seus acervos. (Vergueiro, 2005, p. 4).

A situação só muda na década de 1970 quando as histórias em quadrinhos tornam-se objeto de estudo das universidades. A pioneira, a Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), acolheu as pesquisas de acadêmicos como José Marques de Melo, Álvaro de Moya, Antonio Cagnin, Moacy Cirne, Sonia Bibe Luyten e Waldomiro Vergueiro. Durante sua pesquisa sobre mangás, a pesquisadora Sonia Bibe Luyten recebeu o convite da universidade para coordenar uma coleção especial de revistas em quadrinhos japonesas. “Neste período criou-se a primeira mangateca, acervo de revistas de mangá no Museu de Imprensa Júlio de Mesquita Filho” (Luyten, 2003, p. 10). Trabalho que culminou em sua tese de doutorado, posteriormente adaptado para virar o livro “Mangá: O poder dos quadrinhos japoneses”.

Em Curitiba, entre os anos 1970 e 1980 havia cenário favorável à produção de revistas que envolvia artistas independentes: a editora Grafipar, a edição da revista Gibitiba e leitores entusiastas das hqs. Por considerar que as atividades voltadas para os jovens eram falhas na cidade, a Prefeitura criou em 1979 a Assessoria Jovem de Curitiba para discutir e propor obras e programas para a juventude. A sugestão de criação de uma biblioteca de gibis foi considerada a sugestão mais viável[16], que dava acesso à leitura das revistas em quadrinhos, além de estimular o estudo em grupo. O projeto foi concretizado em 1982, sendo escolhido como local de instalação uma das salas da Galeria Schaffer.

A denominação foi escolhida a partir da junção do termo popular para revistas em quadrinhos e biblioteca (gibi + biblioteca), surgindo a Gibiteca de Curitiba. A escolha também deveu-se ao fato de ser um nome curto, fácil e simpático. Entretanto,

---

[16] Com a palavra, os jovens. **Correio de Notícias**, Curitiba, ano 2, n. 588, p. 18, 27 abr. 1979. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=325538_00&pesq=gibiteca&hf=memoria.bn.br&pagfis=11036. Acesso em 10 fev. 2023.

> Ainda que o termo "gibi" seja amplamente difundido no Brasil para se referir a esta mídia, a nomenclatura muitas vezes não é bem vista, sendo utilizados termos com histórias em quadrinhos e suas variáveis, ou o equivalente em inglês *comics*. Imaguire Junior, sobre isso, afirma que se tinha em mente o fato do termo ser pejorativo, mas naquele momento as bibliotecas pessoais de quadrinhos já eram chamadas de gibiteca, de forma que o termo estava em uso corrente. (Dobrychtop, 2022, p. 77).

O estudo de Guilherme Dobrychtop revela que um dos idealizadores da gibiteca, Imaguire Junior, ponderou sobre a questão pejorativa da palavra gibi. A preocupação era se o público visse o local como um espaço feito somente para o público infantil. A proposta era acolher todas as idades e os mais variados tipos de gêneros, inclusive as produções de revistas dos quadrinistas independentes. Nesse depoimento sobre a escolha do nome não há referências ou citações sobre o sentido original da palavra de menino negro, completamente em desuso na época.

O acervo inicial da gibiteca foi formado através de doações e estavam disponíveis as revistas das editoras EBAL, Abril, RGE e Vecchi[17]. Na programação estavam previstos seminários, filmes e homenagens a artistas. Uma nota do Diário do Paraná sobre o novo espaço cultural da cidade destaca: "Gozado: há alguns anos atrás, se alguém quisesse fazer tal coisa, a gibizada viraria um montão de cinzas. Os pais não admitiam tal leitura. Para os filhos, porque muitos deles também liam escondidos. E como liam" (Gibiteca [...], 1982, p. 2).

A Gibiteca de Curitiba está até hoje em funcionamento, ganhando outra sede em 1988 no Centro Cultural Solar do Barão. É uma das mais importantes do país, com amplo acervo, oficinas, debates, realizações de eventos e tornando-se uma incubadora da produção local.

A partir da instalação da instituição em Curitiba, o nome gibiteca passou a ser referência para todas as outras unidades informacionais que começaram a surgir no Brasil. A Gibiteca Henfil em São Paulo (1991), a Gibiteca Antonio Roque Gobbo em Belo Horizonte (1992), a Gibiteca Municipal de Santos (1992), a Gibiteca de Belém do Pará (1993), a Gibiteca Jorge Braga de Goiânia (1994) e a Gibiteca de Fortaleza (2006) são apenas algumas das diversas instituições que adoram gibiteca como nome oficial de seus espaços dedicados à preservação, organização, leitura, difusão e formação de público leitor de história em quadrinhos.

---

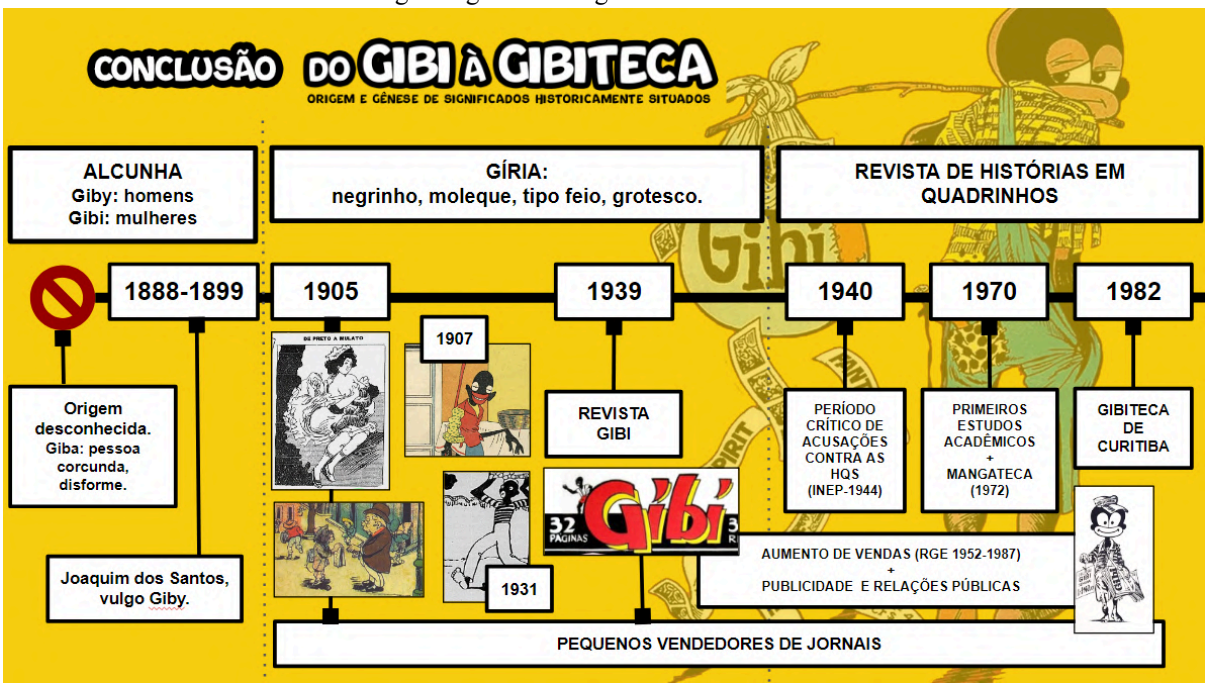
[17] GIBITECA na Galeria Schaffer. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano 28, n. 8229, 1. caderno, p. 5, 15 out. 1982. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&pesq=gibiteca&hf=memoria.bn.br&pagfis=152752. Acesso em 10 fev. 2023.

# 7 CONCLUSÃO

A documentação encontrada sobre a palavra gibi permitiu traçar uma linha temporal dos significados predominantes em cada época (Gráfico 1). A origem ainda continua desconhecida e a provável inspiração vem da palavra *gibbus* (giba), dada às pessoas corcundas ou disformes.

Os primeiros registros de seu uso podem ser encontrados em publicações da cidade do Rio de Janeiro entre 1888 e 1899, em notas nas seções de notícias policiais. A palavra era usada como uma alcunha para as pessoas negras, sendo giby usando para homens, e gibi para as mulheres.

Gráfico 1: Origem e gênese de significados historicamente situados




Fonte: Elaborado pelo autor

No início do século XX, a alcunha assume a forma de gíria racista atribuída aos meninos negros em um país que tentava implantar a ideologia eugenista de branqueamento da população. Encontramos registros do emprego da palavra de forma preconceituosa em textos, anúncios e personagens de histórias em quadrinhos. A figura do menino negro era vinculada a imagem estereotipada, sendo sempre retratado com traços feios e grotescos. A disseminação do seu uso pejorativo foi incorporado nos verbetes dos dicionários com o significado de negrinho e moleque vinculado a tipo feio, hediondo e grotesco (Anexo I) entre 1940 e 1975.

Nessa mesma época, a condição de extrema pobreza fez com que esses meninos trabalhassem em subempregos para sobreviverem. Entre esses trabalhos estavam a venda de jornais nas ruas. Conhecidos como pequenos jornaleiros, ganharam atenção positiva das

grandes empresas jornalísticas porque eles eram a ligação entre o jornal e o seu público leitor. O melhoramento do significado do termo gibi alcança o seu auge em 1939 quando O Globo se inspira nesses pequenos vendedores negros para dar nome a sua segunda publicação de hqs. A partir do lucrativo sucesso da revista, o grupo usa todo o seu poder midiático de publicidade e relações públicas para consolidar o nome da revista no mercado editorial.

Entretanto, a partir da década de 1940 uma forte onda de críticas aos quadrinhos surge no mundo e chega ao Brasil. Os concorrentes e opositores viram nesse cenário uma oportunidade de atacar o jornal O Globo usando a expressão "revistas do tipo gibi" para denunciar uma suposta influência negativa das revistas no seu público leitor. Tese elaborada por Gonçalo Junior em seu livro Guerra dos Gibis, fartamente documentada, esses ataques foram o principal catalisador para a última mudança de sentido.

Desta forma, conclui-se que a gíria cai em desuso e assume o significado de revistas de hqs devido a soma de três fatores:

a) o sucesso de vendas da revista Gibi, popular em sua época no momento da formação do mercado editorial competitivo no segmento das histórias em quadrinhos;
b) os investimentos em patrocínios e ações de relações públicas do jornal O Globo que colocou a revista Gibi no imaginário do público infanto-juvenil;
c) e as discussões contra e a favor das histórias em quadrinhos, onde opositores usaram a oportunidade do cenário crítico para tentar atingir e difamar Roberto Marinho e suas as empresas através da vinculação da marca Gibi como um nome genérico para representar todas as revistas do gênero, sinônimo de má literatura, influência negativa que levava a criminalidade infantil e juvenil, além de disseminar temas em desacordo com a moral e bons costumes.

As bibliotecas não estão dissociadas das discussões sociais e os quadrinhos foram considerados inadequados para seus acervos. A situação só muda a partir de 1970, quando acadêmicos começam a estudar as hqs dentro das universidades. Dissociado do sentido mais antigo, gibi serviu de inspiração para designar as coleções especiais de quadrinhos. O nome gibiteca era usado em coleções privadas, mas foi a partir da inauguração da Gibiteca de Curitiba em 1982 que o nome tornou-se padrão para outras bibliotecas abertas no país.

Apesar de atualmente a palavra gibi estar totalmente desvinculada de seu sentido original racista, esta pesquisa trouxe documentação e uma visão crítica sobre abordagens teóricas, lexicais e historiográficas do termo para melhor compreensão do estudo sobre histórias em quadrinhos, gibitecas e seus acervos especializados.

## 8 REFERÊNCIAS

A JUVENTUDE do ar. **A Noite**, Rio de Janeiro, ano 30, n. 10380, p. 2, 4 jan. 1941. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=gibi%20aeronautica&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=6512. Acesso em 7 fev. 2023.

ALVIM, Renato T. O Pequeno Jornaleiro. **Vida Carioca**, Rio de Janeiro, ano 10, n. 161, p. 11, out. 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=156574 & pesq=%22pequeno%20jornaleiro%22&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=3853 Acesso em 23 jun. 2023.

ARISTEU. Confluências de problemas urgentes *in* **O Momento**, Caxias do Sul, ano 14, n. 689, p. 2, 22 jun. 1946. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=882615&pesq=gibi&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=3404. Acesso em 2 fev. 2023.

AS AVENTURAS de Adolfo Aizen. **O Pasquim**, Rio de Janeiro,, n. 142, p. 4- , 21 a 27 mar. 1972. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=124745&pesq=%22adolfo%20aizen%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=4504. Acesso em 14 fev. 2023.

AULETE, Caldas. **Dicionario contemporâneo da Língua Portuguêsa**. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. Org. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon , 2011.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Relatório do Projeto de Lei n. 6060-a, de 2009**. Estabelece mecanismos de incentivo para a produção, publicação e distribuição de revistas em quadrinhos nacionais. Brasília, DF: Comissão de Educação e Cultura, dez. 2011. Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=138422343238262D6D1B05F9969D04F6.proposicoesWebExterno1?codteor=956258&filename=Tramitacao-PL+6060/2009. Acesso em 11 fev. 2023.

BRASIL. Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça. **Lei de 29 de novembro de 1832**. Promulga o Código do Processo Criminal de primeira instancia. Rio de Janeiro, 5 dez. 1832. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-29-11-1832.htm. Acesso em 2 jan. 2023.

CARLOS, J. O talento de Juquinha: A ignorância do Giby. **O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 106, p. 1, 16 out. 1907. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=153079&pagfis=1380. Acesso em: 22 jul. 2022.

CERTAS PUBLICAÇÕES infantís, pior do que imorais, são criminosas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 7894, Segunda Seção, p. 1, 20 jul. 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=Gibi&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=39988. Acesso em 7 jul. 1948.

CHINEN, Nobuyoshi. A história do Gibi *in* **Gibi**: a Revistas Sinônimo de Quadrinhos. São Paulo: Via Lettera, 2010.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21082013-155848/publico/Nobuyoshi.pdf. Acesso em: 25 jul. 2022.

COLEÇÃO GIBI ESPECIAL, RGE, Rio de Janeiro, n. 6, out. 1975.

COSTA, Johnatas dos Santos. Entre a norma e a transgressão: Uma história do jornal pornográfico O Rio Nu (1898-1916). **Revista Aedos**, [S. l.], v. 13, n. 28, p. 439–479, 2021. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/114423. Acesso em: 5 jan. 2023.

CRIANÇAS cariocas a postos! **A noite**, ano 29, n. 10026, p. 7, 9 jan. 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=gibi&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=171. Acesso em: 2 fev. 2023.

DANTAS, Orlando. O "Diário de Notícias" e "O Globo". **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 1948, Primeira Seção, p. 4, 13 mar. 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=Gibi&pagfis=40037. Acesso em 7 fev. 2023.

DE PRETO a mulato. **O Rio-Nú**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 680, p. 4, 11 jan. 1905. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 706736 & pesq= gibi & pasta=ano% 20190 & hf= memoria.bn.br & pagfis=2625. Acesso em: 8 ago. 2022.

DINES, Alberto. Os pequenos jornaleiros. **Observatório da Imprensa**. 26 set. 2013. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/os_pequenos_arautos_da_noticia. Acesso em: 28 jul. 2022.

DOBRYCHTOP, Guilherme Ieger. **Um festival Imóvel**: a Gibiteca de Curitiba na cultura de histórias em quadrinhos (1982-1997). 2022. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2022. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/79392/R%20-%20T%20-%20GUILHERME%20IEGER%20DOBRYCHTOP.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 out. 2022.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2017.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Contemporâneo**: Ilustrado II. 2. ed.; 3. impr. Porto Alegre: Edições Melhoramentos, 1965.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 1. ed, 15 imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Rebeca Campos. A historicidade do blackface não é a absolvição do racismo que carrega. **Jus.com.br**. 7 jul. 2017. Disponível em: https://jus.com.br/artigos/59023/a-historicidade-do-blackface-nao-e-a-absolvicao-do-racismo-que-carrega. Acesso em 8 fev. 2023.

FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, vol. 3. Rio de Janeiro: A noite, [194?].

FREIRE, Laudelino. **Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa**, vol. 4. Rio de Janeiro: A noite, [194?].

GIBITECA. **Diário da Tarde**, Curitiba, ano 83, n. 24423, Encarte, p. 2, 16 out. 1982. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800074&pesq=gibiteca&hf=memoria.bn.br&pagfis=151656. Acesso em 10 fev. 2023.

GONÇALO JUNIOR. **A Guerra dos Gibis**: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONÇALVES, Fernando. Heróis de “Gibi” a serviço dos trustes. **O Semanário**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 28, p. 11, 11-18 out. 1956. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=149322&pesq=crime%20gibi&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=339. Acesso em 6 fev. 2023.

GUIMARÃES, Ney. O “Tiquinho” completa um ano. **O Malho**, Rio de Janeiro, Ano 49, p. 5, jan. 1951. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=gibi&pagfis=101648. Acesso em 2 jan. 2023.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa:** elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 2 reimp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

INEP. Uma investigação sobre jornais e revistas infantis e juvenis. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 2, n. 5, p. 255-276, nov. 1944. Disponível em: http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1024/763. Acesso em 7 fev. 2023

INEP. Uma investigação sobre jornais e revistas infantis e juvenis. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 2, n. 6, p. 401-421, dez. 1944. Disponível em: http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1025/764. Acesso em 7 fev. 2023.

INEP. Uma investigação sobre jornais e revistas infantis e juvenis. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 3, n. 7, p. 82-101, jan. 1945. Disponível em:http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1026/765. Acesso em 7 fev. 2023

INEP. Uma investigação sobre jornais e revistas infantis e juvenis. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 3, n. 8, p. 223-241, fev. 1945. Disponível em: http://www.rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1028/767. Acesso em 7 fev. 2023

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

LELLO Universal: Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro, v. 1. Lisboa: Livraria Lello, [194? ].

LOUREIRO, Luís Gomes. Aventuras de Chiquinho. **O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, Ano 38, n. 1886, p. 40, jan. 1943. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=153079&pesq=gibi&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=47029. Acesso em: 26 jul. 2022.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Mangá produzido no Brasil: pioneirismo, experimentação e produção. **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/168852646868454336879017132244134098721.pdf. Acesso em 3 jul. 2022.

MARTINS, Eduardo. **Os pobres e os termos de bem viver**: novas formas de controle social no Império do Brasil. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93133/martins_e_me_assis.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 jan. 2023.

MAIS UM. **Gazeta de Noticias**, Rio de Janeiro, ano 16, n. 12, p. 1, 12 jan. 1890. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_03&pasta=ano%20189&pesq=giby&pagfis=51. Acesso em: 24 jul. 2022.

MENOR desapparecida. **Gazeta de Petropolis**, Petropolis, Ano 9, n. 114, p. 3, 23 set. 1899. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib= 304808 & pesq=menor% 20desapparecida & pasta=ano% 20189 & hf= memoria.bn.br & pagfis=3757. Acesso em: 24 jul. 2022.

MOREL, Edmar. 40 criminosos precoces reclamam historietas em quadrinhos. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 736, p. 1, 5 nov. 1953. Disponível em:http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=gibi%20crime&pagfis=16202. Acesso em: 6 fev. 2023.

MOREL, Edmar. O crime compensa. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 735, p. 4, 4 nov. 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=gibi%20crime&pagfis=16189. Acesso em: 6 fev. 2023.

MOREL, Edmar. Falsas revistas juvenis arrastam as crianças aos caminhos do crime e da perversão sexual. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 734, p. 1, 3 nov. 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030&Pesq=gibi%20crime&pagfis=16166. Acesso em: 6 fev. 2023.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre: L&P, 1986.

MOYA, Álvaro de. **Vapt-Vupt**. São Paulo: Clemente & Gramani Editora, 2003.

NÃO HÁ como ser criança para não ser pequenino. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 3723. p. 12, 14 ago. 1939. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_01&pesq=gibi&hf=memoria.bn.br&pagfis=42890. Acesso em 2 fev. 2023.

NÃO NOS FALTAM criadores de literatura ilustrada para a infância. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 7895, Segunda Seção, p. 1, 21 jul. 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&pesq=Gibi&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=40008. Acesso em 7 jul. 1948.

NOVOS ÓRGÃOS de imprensa solidários com a campanha contra a má leitura oferecida aos moços. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 8002. Segunda Seção, p. 1-2, 24 nov. 1948. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=%22padre%20arlindo%22%20gibi&pagfis=42196. Acesso em 24 jul. 2023.

O ANNIVERSARIO de “Gibi”. **Diario da Noite**, ano 12, n. 3926, p. 3, 12 abr. 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_02&pesq=gibi&hf=memoria.bn.br&pagfis=1581. Acesso em 3 fev. 2023.

O DELEGADO da 17º distrito relata uma… **Diario da Noite**, ano 20, n. 4785, p. 18, 21 out. 1948. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_02&pesq=gibi&hf=memoria.bn.br&pagfis=47274. Acesso em 3 fev. 2023.

O GLOBO, Rio de Janeiro, ano 15, n. 3966, p. 1-2, 10 abr. 1939.
O JORNAL, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3963, p. 1, 7 out. 1931. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib= 110523_03 & pasta=ano% 20193 & pesq= gibi & pagfis=10302. Acesso em: 19 ago. 2022.

Suplemento Infantil. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 67, p. 1, 18 fev. 1934. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=gibi&pagfis=17688 Acesso em: 10 jan. 2023.

O TICO-TICO, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 107, p. 13, 23 out. 1907. Disponível em: https://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=153079&pagfis=1408. Acesso em: 18 jul. 2022.

PELA POLÍCIA. **Gazeta da Tarde**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 125, p. 3, 4 jun. 1888. Disponível em: https://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB= 226688 & pagfis=8523 Acesso em: 18 jul. 2022.

POLÍCIA. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 69, n. 156, p. 2, 6 jun. 1891. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_08&pesq=gibi&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=4276. Acesso em 2 jan. 2023.

PRETI, Dino. Dicionários de gíria. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 44, 2001. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4199. Acesso em: 2 ago. 2022.

PROIBIÇÃO das perniciosas histórias em quadrinhos. **Ultima Hora**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 732, p. 1, 30 out. 1953. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=386030&pasta=ano%20195&pesq=gibi&pagfis=16142. Acesso em 6 fev. 2023.

PUREZA de sangue. O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira. Rio de Janeiro: 22 jul. 2021. Disponível em: http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4950&catid=196&Itemid=215#_ftn2. Acesso em 5 jan. 2023.

SCHMIDT, Jorge; SCHMIDT, Roberto. O Pequeno Jornaleiro. **Careta**, Rio de Janeiro, ano 31,n. 1590, p. 19, 10 dez. 1938. Disponível em http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=083712&pagfis=65530. Acesso em 10 fev. 2023.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero**, v. 6, n. 2. , 2005. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5643 Acesso em: 22 jul. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S; SANTOS, Roberto Elísio dos. A revista Gibi e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil. **MATRIZes**, [S. l.], v. 8, n. 2; jul./dez, 2014. São Paulo. p. 175-190. Disponível em: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p175-190. Acesso em: 20 jul. 2022.

WANDERLEY, E. Em tempo de guerra... **O Tico-Tico**, Rio de Janeiro, Ano 32, n. 1570, p. 14, 6 nov. 1935. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153079&pesq=gibi&pagfis=38066. Acesso em: 8 ago 2022.

WEINHARDT, Otávio Augusto Ganzert. Trabalho, Infância e Controle a partir dos Meninos Jornaleiros em Curitiba (passagem do século XIX ao XX). 2017. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História** - contra os preconceitos: história e democracia. Brasília, Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502851261_ARQUIVO_Meninosjornaleiros.pdf. Acesso em: 26 out. 2022.

# ANEXO I

DEFINIÇÕES DOS DICIONÁRIOS

| ANO | DICIONÁRIO | DEFINIÇÃO | REFERÊNCIA |
|---|---|---|---|
| 194? | LELLO Universal: Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro. | GIBI, s. m. Bras. Pop. Negro, Typo feio e grotesco. | LELLO Universal: Novo Dicionário Encyclopédico Luso-Brasileiro. V. 1. Lisboa: Livraria Lello, [194?]. |
| 194? | Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa | GIBI, s. m. Forma inexata de jíbi. JIBÍ, s. m. Gír. 1 Negrinho, moleque. \|\| 2. Tipo feio, hediondo, grutesco. | FREIRE, Laudelino. Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa. V. III. Rio de Janeiro, A Noite, [194?]. |
| 1951 | Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Potuguêsa | Gibi, s.m. ( Bras.) Negrinho moleque. | LIMA, Hildebrando de; BARROSO, Gustavo. Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Potuguêsa. Vol.1, 9. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1951. |
| 1952 | Dicionário Brasileiro Globo | GIBI, s. m. (bras.) (pop.) Moleque; negrinho; indivíduo feio, grotesco. | FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Globo. Rio de Janeiro: Globo, 1952. Gibi, s.m. (bras.) (Pop) Moleque, Negrinho; indivíduo feio, grotesco. |
| 1958 | Aulete: Dicionario contemporâneo da Língua Portuguêsa | GIBI, s.m (Bras.) negrinho, moleque. \|\| (Rio de Janeiro) Revista de quadrinhos. | AULETE, Caldas. Dicionario contemporâneo da Língua Portuguêsa. Rio de Janeiro: Delta , 1958. |
| 1960 | Dicionário Geral de Sinônimos e Locuções | GIBI, moleque, negro, negrinho, pretinho; tipo feio e grosseiro. | COSTA, Agenor. Dicionário Geral de Sinônimos e Locuções. Vol. 2, 2. ed., G-Z. Rio de Janeiro: Biblioteca Luso-brasileira, 1960. |
| 1960 | Aurélio: Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa | Gibi, s. m. (Bras.) Nequinho, moleque. | FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1960. |
| 1965 | Dicionário Brasileiro Contemporâneo Ilustrado | GIBI, s.m. (bras.) (pop.) Moleque; negrinho; indivíduo feio, grotesco. | FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Contemporâneo: Ilustrado II. 2. ed.; 3. impr. Porto Alegre: Edições Melhoramentos, 1965. |
| 1967 | Dicionário Mor da Língua Portuguesa: ilustrado. | gibi, s.m. - Garotô; negrinho. | Dicionário Mor da Língua Portuguesa: ilustrado. Vol. 2. São Paulo: Livro`Mor, 1967. P. 1110. Gibi, s.m. Garotô; negrinho. |
| 1969 | Aurélio: Novo Dicionário da Língua Portuguesa | Gibi, s. m. (Bras.) Nequinho, moleque. | FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Pequeno Dicionário da Língua Portuguêsa. 11 ed. 4 imp. São Paulo:Civilização Brasileira,1969. |
| 1972 | LISA - Grande Dicionário da Língua Portuguesa | GIBI, s. m. Bras. Neginho, moleque. | OLIVEIRA, H. Maia de. Grande Dicionário da Língua Portuguesa, v. 2, 2 ed. São Paulo: Lisa, 1972. |
| 1975 | Dicionário Brasileiro Globo | Gibi, s.m. (bras.) (Pop) Moleque, Negrinho; indivíduo feio, grotesco. | FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Globo. 4 ed. Porto Alegre: Globo, 1975. |
| 1975 | Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa | Gibi, s. m. Bras. Gír. Meninote preto; negrinho. | FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa. 1. ed, 15 imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. |
| 1975 | Mirador: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. | gibi, s. m. Moleque, negrinho. | Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Mirador Internacional, 1975. |
| 1977 | Mirador: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. | gibi, s. m. Moleque, negrinho. | Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2. ed. São Paulo: Mirador Internacional, 1977. |
| 1985 | Aulete: Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. | GIBI, s.m (Bras.) negrinho, moleque. \|\| (Rio de Janeiro) Revista de quadrinhos. | AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. 4. Ed. V.3. Rio de Janeiro: Delta, 1985. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1986 | Aurélio: Novo Dicionário da Língua Portuguesa | gibi, S. m. Bras. Gír. Meninote preto; negrinho. 2. Bras. Fam. Revista em quadrinhos, infanto-juvenil. | FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. |
| 1996 | Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa | gibi. S.M. Bras. Gír. Meninote preto; negrinho. 2. Bras. Fam. Revista em quadrinhos, infanto-juvenil. | Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. |
| 1998 | Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. | gi.bi sm 1 Moleque, negrinho. 2 Revista em quadrinhos para crianças. | MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998. |
| 2007 | Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa | gibi s.m. B Infrm. 1 garoto negro; negrinho 2 publicação em quadrinhos, ger. infanto-juvenil. ETIM orig. obsc. | HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 2 reimp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. |
| 2009 | Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa | gibi. S. m. Bras. 1. Gír. Desus. Meninote preto; negrinho. 2. Nome registrado de determinada revista em quadrinhos, infantojuvenil. 3. P. ext. Qualquer revista em quadrinhos. 4. Publicação interna. gibi - [Do lat. gibbus, i.] El. comp. = 'giba', 'corcunda': gibífero, gibifloro. | Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009. |
| 2010 | Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa | gibi. S. m. Bras. 1. Gír. Desus. Meninote preto; negrinho. 2. Nome registrado de determinada revista em quadrinhos, infantojuvenil. 3. P. ext. Qualquer revista em quadrinhos. 4. Publicação interna. gibi - [Do lat. gibbus, i.] El. comp. = 'giba', 'corcunda': gibífero, gibifloro. | Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010. |
| 2011 | Novíssimo Aulete: Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa | gibi (gi . bi) Bras. sm. 1 Pop. Nome dado às revistas em quadrinhos, ger. infanto-juvenis. Muitos leram gibi quando crianças e jovens. 2 Gír. Menino negro; NEGRINHO [F.: De or. obsc.] | AULETE, Caldas. Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. Org. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon , 2011. |

Definição vinculada a feio, grotesco.

Significado único para menino negro.

Definição de revista de história em quadrinhos.